



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

JÚLIA SARDINHA LEONARDO LOPES MARTINS

**O ROMANCE FAMILIAR ENTRE MÃE E FILHA A PARTIR DA LEITURA
PSICANALÍTICA DA OBRA DE ELENA FERRANTE**

NITERÓI

2022

JÚLIA SARDINHA LEONARDO LOPES MARTINS

**O ROMANCE FAMILIAR ENTRE MÃE E FILHA A PARTIR DA LEITURA
PSICANALÍTICA DA OBRA DE ELENA FERRANTE**

Monografia apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Psicologia, com habilitação Formação de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Costa

Orientadora: Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira

NITERÓI

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

JÚLIA SARDINHA LEONARDO LOPES MARTINS

O ROMANCE FAMILIAR ENTRE MÃE E FILHA A PARTIR DA LEITURA PSICANALÍTICA DA OBRA DE ELENA FERRANTE

Monografia apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Costa (Orientador) - UFF

Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira (Coorientadora) - UFF

Prof. Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal - UFF

NITERÓI

2022

Dedico este trabalho a todos os amantes de literatura e psicanálise.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Patrícia, por sempre acreditar em mim, por enxergar a singularidade de cada filho e por abraçar de corpo e alma a maternidade. Entendo, agora um pouco mais, que não é uma tarefa fácil. Obrigada por ser um exemplo de mulher e de força, e por me doar tanto amor, parceria e potência de vida. Por fazer o que pode e o que não pode para estar presente.

Ao meu pai, Rodrigo, por sempre cuidar da nossa família, por me passar o gosto pela pesquisa e pela Universidade, e por nunca desistir do que acredita. Obrigada por ser um homem bom e essencial para o mundo e para mim, e por caminhar pela vida com tanto respeito e dignidade.

Ao Angelo. Obrigada pelo encontro. Por acreditar em mim e não me deixar desistir. Por me mostrar o poder das palavras. Pelos passeios nas livrarias, nas praias e nos filmes e por compartilhar comigo o amor pela literatura e pela psicanálise.

À minha madrinha, Cíntia, por me amparar sempre que eu preciso, por sempre me mostrar que eu tenho com quem contar. Ao George também, por me ajudar nas vezes que eu mais precisei.

Aos meus irmãos, Thomaz e Pedro, por serem meus parceiros no grupo dos irmãos, por ouvirem minhas reclamações e me apoiarem sempre. Mesmo dispersos, continuamos unidos. Também ao Toddy.

Aos meus avós, Batista, Isabel e Lúcia, por me mostrarem amor, acolhimento e sabedoria. Obrigada por todas as comidinhas e presentes artesanais.

Ao meu tio João e à minha tia Ana Paula, por tanto amor que sempre me deram.

À toda a família Sardinha e agregados, pela união e pelo amor. Pelos valores transmitidos e pelas festas juninas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Costa. Por apostar em mim duas vezes durante esse curto (mas longo) percurso de graduação. Por aceitar me orientar de forma tão generosa. Você foi essencial para o meu encontro com a psicanálise. Obrigada por sempre jogar luz quando eu preciso.

À minha orientadora, Prof. Dra. Flavia Lana. Por me ceder tanta determinação e rigor nos estudos. Pela aposta, pela inspiração, pela pesquisa e pela monitoria. Obrigada por

me deixar acompanhar sua jornada, e por me acompanhar também. Por todo o poder de transformação que você tem quando acredita nos alunos.

Às minhas amigas e amigos de infância e de vida, Júlia Barrios, Laís Andrade, Andrezza Vianna, Ingrid Prado, Larissa Koulicoff, Letícia Sakai, Vanessa de Aniz, Bianca Dias, Lara Dias, Natália Paiva, Tawan Teixeira e Fabrício Eduardo. Obrigada por me amarem mesmo na minha ausência. Por serem segurança, acolhimento, risadas, comida boa e bar do Peixoto. Por me mostrarem a amizade.

Aos meus amigos de faculdade, que trilharam essa jornada ao meu lado, Ariel, Cláudia, Carol, Danilo, Gabriel e João. Vocês foram essenciais no meu percurso, na construção da minha vida em Niterói, e ganharam um lugar especial no meu coração. Fizeram da UFF mais engraçada e acolhedora. Obrigada por tanto.

À minha equipe de estágio, por me ajudar e me incentivar. A melhor equipe que eu poderia pedir.

À Universidade Federal Fluminense, todos os professores e funcionários, que mantêm viva a paixão pelo ensino e pela educação. Por toda a dedicação e transmissão. Pela Universidade pública e pela ciência.

[...] não havia teoria da vida que lhe parecesse tão importante se comparada à própria vida.

Oscar Wilde

RESUMO

Este trabalho registra um esforço de leitura analítica dos conflitos na relação entre mãe e filha, a partir do enquadre conceitual do romance familiar, como proposto por Freud, e da obra literária de Elena Ferrante. Demonstra-se que essa relação que, vista sob a lente da psicanálise, contraria o senso comum, é permeada de sentimentos hostis em suas bases inconscientes, ao mesmo tempo que se configura como condição de possibilidade para a vida. Nesta pesquisa, os conceitos de fantasia, feminilidade, sexualidade feminina e ambivalência são os operadores lógicos que elucidam a especificidade dessa relação e fundamentam a possibilidade de fazer um uso analítico da literatura na compreensão clínica das neuroses.

Palavras-chave: psicanálise lacaniana; literatura; romance familiar; feminilidade; sexualidade feminina.

ABSTRACT

This work registers an effort of analytical reading about the conflicts in the relationship between mother and daughter, from the conceptual framework of the family novel, as proposed by Freud, and the literary work of Elena Ferrante. It is demonstrated that this relationship, which, seen through the lens of psychoanalysis, contradicts common sense, is permeated by hostile feelings in its unconscious bases, at the same time that it is configured as a condition of possibility for life. In this research, the concepts of fantasy, femininity, female sexuality and ambivalence are the logical operators that elucidate the specificity of this relationship and support the possibility of making an analytical use of literature in the clinical understanding of neuroses.

Key-words: Lacanian psychoanalysis; literature; family romance; femininity; female sexuality.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	11
<u>CAPÍTULO 1</u>	14
<u>1. O ROMANCE</u>	14
1.1 <u>Inconsciente e escrita</u>	15
1.2 <u>Psicanálise, arte e mal-estar</u>	19
1.3 <u>Fantasia e realidade psíquica</u>	22
<u>CAPÍTULO 2</u>	26
<u>2. A FAMÍLIA: UM RECORTE DA RELAÇÃO ENTRE MÃE E FILHA</u>	26
2.1 <u>A sexualidade feminina e a feminilidade</u>	27
2.2 <u>A ambivalência na relação mãe e filha</u>	36
<u>CAPÍTULO 3</u>	43
<u>3. O ROMANCE FAMILIAR: UM OLHAR ATRAVÉS DA LITERATURA DE ELENA FERRANTE</u>	43
3.1 <u>O romance familiar no livro de Elena Ferrante</u>	43
3.2 <u>É possível ler o livro como se lê o caso?</u>	49
<u>CONCLUSÃO</u>	54
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	57

INTRODUÇÃO

Quais são as bases inconscientes na dinâmica da relação entre mãe e filha? Uma das formas de se elucidar essa questão é tomá-la como parte da trama de um “romance familiar”. Essa noção psicanalítica sugere que algo da organização subjetiva dos neuróticos se dá em uma estrutura que pode vir a se manifestar sob a forma de uma narrativa, cujos elementos lógicos são extraídos na experiência com o núcleo familiar (FREUD, 1909/2021). No recorte que a pergunta tangencia, o senso comum tende a incentivar uma ideia de que há um amor incondicional presente na relação entre mãe e filha. Essa ideia não é compatível com as investigações clínicas psicanalíticas, formalizadas por Freud, por exemplo, em “Sobre a sexualidade feminina” (1931/2021), onde constata-se que essa relação pode ser marcada por muitas tonalidades de amor e ódio.

Meu interesse pela temática a respeito dos enredamentos familiares se deu a partir da literatura da autora italiana Elena Ferrante, cuja obra é marcada por complexas relações entre personagens de mães e filhas. Seja como tema central ou não, esse problema sempre influencia no curso da narrativa, em diferentes âmbitos da vida social e familiar das personagens, de modo decisivo. Dando contornos à questão-problema, recolho em minha experiência clínica em estágio de psicanálise, bem como em meus estudos da teoria psicanalítica, chaves lógicas de compreensão das bases inconscientes que poderiam elucidar o mistério das ambiguidades, entre amor e ódio, na relação entre mãe e filha.

Nesse sentido, entendo que uma revisão bibliográfica sistemática da teoria freudiana, sobre esse aspecto, seria fértil para a interpretação de algumas obras dessa autora. No sentido contrário, os textos de Ferrante mostram-se ferramentas interessantes para a compreensão de conceitos básicos da psicanálise. Portanto, pretendo examinar o romance “Um amor incômodo” (1999/2018) sob a luz das contribuições psicanalíticas. São muitas as considerações freudianas sobre psicanálise e literatura que fundamentam o valor recíproco entre ambos os campos, como em “A interpretação dos sonhos” (1900/2021), em “O escritor e a fantasia” (1908/2021), em “O romance familiar dos neuróticos” (1909/2021), e em “O mal-estar na civilização” (1930/2016).

Como destacado, pretende-se utilizar a literatura como ferramenta suplementar à investigação psicanalítica da relação familiar neurótica, no recorte entre mãe e filha. Como

mencionado, essa ferramenta, com certa frequência, foi utilizada por Freud em suas investigações, sendo até mesmo possível afirmar que “para além da medicina, contudo, o que de fato interessava a Freud era a literatura” (ALBERTI, 1996/2016, p. 42). Para corroborar tal afirmação, pode-se observar que o desenvolvimento da teoria do Complexo de Édipo, peça central no estudo das neuroses, tem origem na tragédia escrita por Sófocles, “Édipo Rei” (427 a.C.). Segundo o autor, no mito destacado, “a necessária mitigação é magistralmente produzida, mantendo-se as circunstâncias do crime, ao se projetar na realidade o motivo inconsciente do herói, como coação do destino que lhe é alheia” (FREUD, 1928/2021, p. 345). Logo, na leitura freudiana desta tragédia, pode-se resgatar alguns indícios do inconsciente, que se mostram presentes e registrados por Sófocles na literatura, já nessa época.

Apesar do texto literário não equivaler a um caso clínico, pode ser analisado clinicamente de outras perspectivas, visto que Freud frequentemente pesquisava na literatura respostas para questionamentos que não podiam ser respondidos pela neurologia (ALBERTI, 1996/2016). A escrita da autora contemporânea Elena Ferrante apresenta um forte conteúdo psicanalítico, para quem saiba ler dessa forma. Em toda a sua obra, a questão da relação entre mãe e filha não aparece sem complexidade. Em muitos trechos é possível identificar importantes conflitos que seriam obscuros se não fosse a ótica analítica do romance familiar. Neste trecho, por exemplo, fica evidente a ilustração da forte hostilidade que permeia a dinâmica parental:

Era a língua da minha mãe, que eu tentara inutilmente esquecer junto a tantas outras coisas dela. Quando nos encontrávamos na minha casa, ou quando eu vinha a Nápoles para visitas rapidíssimas de meio dia, ela se esforçava para usar um italiano capenga, e eu, incomodada, me rendia ao dialeto, só para ajudá-la. [...] Agora que Amália estava morta e eu podia apagá-lo para sempre, junto à memória trazida por ele, senti-lo em meus ouvidos me deixava ansiosa (FERRANTE, 1999/2018, p. 19).

Nota-se, no exposto anteriormente, um conflito nos movimentos da filha, ao tentar ajudar a mãe ao mesmo tempo em que tenta se desfazer de suas características, no caso, a língua dialetal; o que resulta na angústia representada no trecho. Dito isso, a partir do inegável uso que pode ser feito da literatura para estudos mais aprofundados da teoria psicanalítica e, conseqüentemente, da sua prática clínica, as obras da autora elucidam de forma bem sucedida as modulações presentes dentro do contexto familiar, especificamente na parte feminina.

Em síntese, este trabalho aborda a questão de pesquisa, “Quais são as bases inconscientes da dinâmica da relação entre mãe e filha?”, tomando o escrito freudiano sobre os romances familiares (1909/2021) e o conceito freudiano de ambivalência como chaves de

leitura centrais. O objetivo é, a partir dos estudos psicanalíticos e através de uma sistematização conceitual rigorosa, trazer embasamento freudiano a um recorte da obra literária de Ferrante, com o propósito de aumentar meus conhecimentos a respeito da lógica inconsciente existente na relação mãe-filha. Esse exercício visa estabelecer bases conceituais para a prática clínica, em termos da extração da lógica interna dos casos, bem como de suas formalizações. Se é possível explorar o tema proposto pela noção de “romances familiares”, considera-se que primeiramente é preciso discutir o “romance” e a “família”, do ponto de vista psicanalítico. Assim, essa exposição está organizada em um primeiro capítulo sobre o “romance”, comentando as relações entre psicanálise e literatura por meio dos operadores conceituais do inconsciente e da fantasia; e, de forma análoga, o capítulo dois trata da “família”, comentando o recorte da relação entre mãe e filha por meio dos conceitos da sexualidade feminina, da feminilidade e da ambivalência. Por fim, o capítulo três faz a síntese da discussão, usando os operadores conceituais apresentados para uma leitura psicanalítica do romance “Um amor incômodo” (FERRANTE, 1999/2018), que é um expoente literário da complexidade característica da relação entre mãe e filha e da estrutura neurótica.

CAPÍTULO 1

1. O ROMANCE

“Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo – traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem querer entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu tivesse acordada não seria linguagem”.

Clarice Lispector – *A paixão segundo GH*

No texto “Dostoiévski e o parricídio” (1928/2021), Freud faz uma análise do impulso parricida à luz da obra do autor russo e de sua vida pessoal que, não coincidentemente, traz o destino do pai em sua obra-prima “Os irmãos Karamázov” de forma semelhante ao de seu próprio pai. De modo análogo, em seu texto “O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen” (1907/2021), faz o uso do método de interpretação dos sonhos para analisar os sonhos presentes na obra literária em questão, concluindo que “o escritor não pode evitar o psiquiatra, nem o psiquiatra ao escritor, e o tratamento poético de um tema psiquiátrico pode resultar correto sem sacrificar a beleza” (FREUD, 1907/2021, p. 61).

Desta forma, é possível afirmar que a construção da obra psicanalítica se serviu amplamente da contribuição da literatura, pois, uma vez estabelecido esse contato, o método é capaz de acessar a fantasia do escritor. Constantemente é possível apreender que ele expõe, na sua trama, os conflitos de sua própria vida psíquica (FREUD, 1908/2021). Ainda sobre as obras fictícias e as leis inconscientes, Freud enfatiza que:

Nós desenvolvemos essas leis através da análise de suas obras, tal como as extraímos dos casos de adoecimento real, mas parece inevitável concluir que ambos, o romancista e o médico, compreendemos igualmente mal o inconsciente, ou ambos o entendemos corretamente. Tal conclusão é de grande valor para nós; por ela valeu a pena investigar, com os métodos da psicanálise médica, como a formação e a cura do delírio e também os sonhos foram apresentados na *Gradiva* de Jensen (FREUD, 1907/2021, p. 118).

Para introduzir um maior entendimento dos fenômenos neuróticos, Freud (1917a/2021) parte de um exemplo simples da manifestação do inconsciente, ao explicar, de maneira detalhada e didática, como certas ações dos pacientes não podem ser vistas como meramente casuais ou acidentais. Em vista disso, lança uma hipótese de explicação a respeito do ato de não fechar a porta do consultório, realizado por alguns pacientes, para que depois

possa explicitar a confirmação dessa hipótese, trilhando, assim, um caminho que leva até a demonstração ilustrativa da existência de um material “desconhecido da consciência daquele que o realiza” (FREUD, 1917a/2021, p. 331). Esse exemplo mostra como o fenômeno deve ser investigado, contemplado como enigma, pois o paciente tem o direito de recalcar e cabe ao analista, em seu dever ético de pesquisador, tomar a coisa como interrogação, questionar, suspeitando sempre de possíveis fantasias inconscientes (OLIVEIRA, 2020).

No entanto, isso não é empecilho para a continuidade da investigação, e destaca também a importância do método analítico como ferramenta de pesquisa, que deve cumprir o seu dever ético e científico, mesmo quando não há utilidade prática para as descobertas feitas:

Temos o direito, até mesmo o dever, de levar adiante a pesquisa sem nos importar com sua utilidade imediata. No fim – não sabemos onde e quando –, cada porção adicional do saber se transformará em capacidade, também em capacidade terapêutica. Se, no tocante a todas as outras formas de adoecimento nervoso e psíquico, a psicanálise se mostrasse tão infrutífera como no caso das ideias delirantes, ainda assim ela estaria plenamente justificada como meio insubstituível de investigação científica (FREUD, 1917a/2021, p. 342).

1.1 Inconsciente e escrita

Busca-se agora alcançar a compreensão de alguns aspectos da relação entre inconsciente e escrita, visto que o escritor é um sujeito dotado de inconsciente e que coloca muito de si no trabalho. O produto do escritor, a obra literária, realiza um desejo inconsciente infantil, sendo possível ver traços desse desejo em sua obra, visto que ela funciona como um prolongamento, uma substituição, do que foi a brincadeira infantil, a ocupação mais intensa da vida da criança (FREUD, 1908/2021). Além disso, é de fundamental importância entender de que forma Freud se serviu disso, quais influências a narrativa exerce sobre o seu trabalho e, conseqüentemente, sobre o legado da psicanálise. Para isso, a relação do sonho com a escrita se mostra como uma entrada imprescindível para encontrar, como consequência, a ligação entre escrita e inconsciente.

Em um de seus maiores atos para a formalização da teoria psicanalítica, “A interpretação dos sonhos” (1900), Freud introduz e discorre sobre a possibilidade efetiva da interpretação do material do sonho, fazendo um extenso estudo por meio do qual, entre outros pontos, traz o seu método de interpretação de forma detalhada, assim como as contribuições de seus resultados para o desenvolvimento da psicanálise. Para a realização do método, foi imprescindível a descoberta das complexas operações psíquicas que permeiam o sonho para que o processo de interpretação de seu significado se tornasse tarefa alcançável. Porém, isso não ocorreu sem uma grande perseverança e insistência no fato de que “o sonho realmente

tem um significado e que um procedimento científico da interpretação dos sonhos é possível” (FREUD, 1900/2020, p. 131).

O sonho, muitas vezes apresentado como sem sentido em um primeiro momento, é codificado por sofisticados mecanismos psíquicos. A *condensação*, primeiro deles a ser descrito, consiste, em linhas gerais, no agrupamento de vários elementos dos pensamentos do sonho em apenas um elemento do conteúdo manifesto, ou seja, que efetivamente aparece, trazendo a conclusão de que existem muito mais pensamentos oníricos do que elementos do sonho. As palavras escritas podem também conter elementos condensados, sendo possível que várias palavras derivem de uma específica, que se apresentou durante o sono (FREUD, 1900/2020). Nesse sentido, pode-se observar uma primeira pista da relação entre a escrita e os sonhos e, conseqüentemente, o inconsciente, o que o autor deixa entendido no trecho:

As deformações de palavras nos sonhos se assemelham muito às que conhecemos na paranoia, que não deixam de estar presentes também na histeria e nas ideias obsessivas. As artes verbais das crianças, que às vezes tratam as palavras realmente como se fossem objetos e inventam novas linguagens e formas sintáticas artificiais, são a fonte comum para os sonhos e as psiconeuroses nesse ponto (FREUD, 1900/2020, p. 345).

Dito isto, percebe-se que não só a palavra falada tem peso no tratamento pela psicanálise, mas também a palavra escrita e sua grafia, pois é possível que apareçam palavras homófonas, mas não homógrafas no material do sonho, tornando valorosa essa diferenciação sutil. Desse modo, ainda, “a análise de formações de palavras sem sentido no sonho é particularmente adequada para demonstrar as condensações realizadas no trabalho do sonho” (FREUD, 1900/2020, p. 346), sendo indispensável, então, uma interpretação do *texto* do conteúdo do sonho.

O segundo mecanismo de que o sonho se serve para sua codificação é o *deslocamento*. Ele consiste na não preservação do valor psíquico de determinados elementos:

Na formação do sonho, esses elementos essenciais, destacados com interesse intenso, podem ser tratados como se fossem de valor inferior, e seu lugar no sonho passa a ser ocupado por outros elementos que eram certamente de valor inferior nos pensamentos oníricos (FREUD, 1900/2020/ p. 348).

Isso posto, para se furta à interpretação imediata de seu verdadeiro significado, o sonho usa como artifício a transferência de intensidade de um elemento para outro, “de que decorre a diferença textual entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos” (FREUD, 1900/2020, p. 350). Ou seja, há uma diferença no texto da narrativa entre o material manifesto e o latente, os pensamentos dos sonhos, deformados pelo trabalho do sonho com uso das ferramentas de condensação e deslocamento. Para contornar essa situação e suceder na

interpretação do conteúdo latente, é preciso que haja uma *tradução* desse texto, que se construa a relação simbólica entre o elemento do sonho (símbolo) e sua tradução (FREUD, 1916a/2021).

Após o trabalho do sonho, o material a que se tem acesso é cheio de lacunas e laços que foram destruídos. Cabe à interpretação do sonho a tradução do texto, a restauração desses laços, pois falta no conteúdo onírico a capacidade de expressão por si só. Percebe-se, então, que tanto o conteúdo do sonho quanto os pensamentos do sonho são estruturados como um texto. Freud liga ainda mais intimamente esses pontos ao comparar a proximidade dos elementos que aparecem no sonho à proximidade das letras no sistema de escrita: “*ab* significa que as duas letras devem ser expressas como sílaba; se *a* e *b* são separadas por uma lacuna, *a* deve ser vista como a última letra de uma palavra, e *b*, como a primeira da palavra seguinte” (FREUD, 1900/2020, p. 356).

Essa transcrição dos pensamentos oníricos, durante o trabalho do sonho, é ainda comparada por Freud (1916b/2021) a uma “transposição como que para outra escrita ou língua” (p. 233). Não se trata de uma tradução palavra por palavra, se trata de complicados processos de condensação, deslocamento e na conversão de pensamentos em imagens visuais, que aparecem no conteúdo manifesto. Quando se trata de palavras abstratas, conjunções e outras particularidades gramaticais, a dificuldade do processo de interpretação fica mais evidente, visto que nas partes do discurso que aparecem palavras como “porque”, “portanto”, “mas”, entre outros, muitos detalhes ficam perdidos (FREUD, 1916b/2021).

Nesse sentido, evidenciou-se essa complexidade de tradução textual onírica para tornar evidente a relação do sonho com a escrita, em toda sua densidade gramatical. A mudança em algum detalhe gramatical na construção de frases e palavras, durante a interpretação do sonho, pode levar a lugares distintos, gerando toda uma diferente cadeia de associações (FREUD, 1900/2020). As palavras, sua grafia e sua ordem possuem significados que não são aleatórios, obedecem a uma lógica e possuem um lugar fundamental para o entendimento do sonho e de muitas outras questões da psicanálise, podendo-se dizer que:

Não devemos nos surpreender com o papel que cabe à palavra na formação do sonho. A palavra, como ponto nodal de representações múltiplas, e como que predestinada à ambiguidade, e as neuroses (ideias obsessivas, fobias) aproveitam, de modo tão desinibido quanto o sonho, as vantagens que a palavra oferece para a condensação e o disfarce. É fácil demonstrar que a deformação do sonho também lucra com o deslocamento da expressão (FREUD, 1900/2020, p. 383).

Freud ainda, no início de sua teoria psicanalítica, especula a formação dos registros perceptivo, pré-consciente e inconsciente como uma transcrição de traços mnêmicos

que acontece de tempos em tempos no aparelho psíquico (FREUD, 1896/1996). Como uma entrada inicial na teoria das psiconeuroses, diz que parte do conteúdo não é traduzido, o que provoca consequências como o recalçamento:

Uma falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como “recalçamento”. Seu motivo é sempre a produção de desprazer que seria gerada por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução (FREUD, 1896/1996, p. 289).

Dessa forma, é possível perceber que diversas vezes a escrita aparece por meio de uma “tradução” ou “transcrição” no aparelho psíquico, seja no processo de formação dos sonhos, seja na tentativa de interpretação destes, ou seja como “tradução de material psíquico” que resulta em recalque (FREUD, 1896/1996). Logo, como uma tradução ou transcrição de processos inconscientes.

Em uma outra alusão à relação entre escrita e psicanálise, é digno de nota se atentar à analogia entre a escrita e o aparelho psíquico perceptivo que Freud faz em “Nota sobre o ‘bloco mágico’” (1925a/2020). No texto, já de início, observa-se a importante função da escrita para a conservação de memórias:

A superfície que conserva a anotação, a caderneta ou folha de papel, torna-se como que uma porção materializada do aparelho mnemônico que carrego em mim, ordinariamente invisível. Se tenho presente o lugar em que foi acomodada a “recordação” assim fixada, posso “reproduzi-la” à vontade, a qualquer momento, e estou seguro de que ela permaneceu inalterada, ou seja, de que escapou às deformidades que talvez sofresse em minha memória (FREUD, 1925a/2020, p. 268).

Além desse caráter conservador da escrita, em relação a traços mnêmicos, ainda é possível fazer uma comparação que possibilita visualizar melhor o aparelho psíquico. O “Bloco Mágico” é um dispositivo em forma de tábua de cera, com a finalidade de escrita, que Freud faz alusão em seu texto, e que deixa as marcas das letras formadas em sua superfície mesmo depois que a frase é apagada. Utilizando-se dessa função marcadora da escrita, pode-se pensar, de forma análoga, no sistema *Pcp-Cs*, que recebe o estímulo perceptivo vindo de fora sem conservar suas marcas, que ficam gravadas em outros sistemas. O bloco, por sua vez, recebe a inscrição na folha superior e, mesmo depois que a escrita desaparece, seus traços permanecem na folha de baixo. Assim, compara-se a folha de cima com o sistema *Pcp-Cs* e, a parte de baixo, com o inconsciente, onde permanecem as marcas (FREUD, 1925a/2020). O inconsciente, então, guarda as marcas da percepção, assim como a escrita marca o papel, e esse texto marcado, por sua vez, consegue aparecer na nossa consciência pela via do sonho, que pede uma interpretação para que o material escrito vire narrativa. Logo, inconsciente e

escrita encontram-se intimamente ligados, em marcas, analogias, exemplos, e no modo de se revelarem, um a partir do outro.

Um último ponto na teoria que vale ser destacado quando se fala de inconsciente e escrita são os atos falhos. De importância aparentemente insignificante, Freud defende que os lapsos de memória, fala e escrita são portas de entrada fundamentais para o estudo da “coisa maior”. Logo, os atos falhos escritos, categoria dos atos falhos, representam prova legítima do inconsciente, além de serem de fácil observação e acesso (FREUD, 1916c/2021). Freud diz que quando esses “erros”, que não podem ser justificados por falta de atenção, ocorrem, significa que quem escreveu a palavra errada, na verdade, realmente pensava naquilo que foi registrado por “engano”:

Quando encontramos um lapso desse tipo numa carta, normalmente o que sabemos é que nem tudo estava em ordem com quem a redigiu; o que, no entanto, se passava com essa pessoa, nem sempre conseguimos estabelecer. O lapso de escrita é com frequência tão pouco percebido por quem o cometeu como o verbal. O que chama a atenção é o seguinte: existem pessoas que têm por hábito reler toda a carta que escrevem antes de enviá-la; outros não têm esse costume, mas, quando excepcionalmente o fazem, sempre têm a oportunidade de encontrar e corrigir algum lapso evidente. Como se explica isso? É como se essas pessoas soubessem que cometeram um lapso ao escrever a carta (FREUD, 1916c/2021, p. 92).

Ele ainda diz que os escritores, muitas vezes, percebem a veracidade do conteúdo do ato falho, ao se servirem dele como instrumento de expressão literária em suas obras (FREUD, 1916c/2021). Logo, diante de todo o exposto, fica evidente a relação do inconsciente com a escrita, em condições que ora o inconsciente se serve da escrita em seus processos psíquicos, ora a escrita se serve dos processos inconscientes para seus fins.

1.2 Psicanálise, arte e mal-estar

Em “O mal-estar na civilização” (1930/2016), Freud inicia o texto dizendo que não é fácil trabalhar cientificamente com os sentimentos (p. 15). O Eu não é suficientemente equipado para lidar com todas as patologias e frustrações do mundo, precisa de auxílio. Há um conflito em cena: obedecer ao princípio do prazer, eliminando, assim, tudo o que causa desprazer ou abrir mão de muitas coisas que trazem prazer, mas não condizem com a realidade. Devido a isso, torna-se necessário que o ser humano disponha de artifícios para lidar de maneira viável com suas pulsões (FREUD, 1930/2016).

Em seguida, ele faz uma exposição das maneiras pelas quais a humanidade consegue dar contorno ao mal-estar inerente à vida, ou seja, buscar felicidade na medida que se afasta do sofrimento, mesmo que a felicidade, em si, seja impossível de ser alcançada. Diante disto,

se refere à arte como uma das “duas maiores realizações do ser humano” (p. 28) que ajuda a diminuir a dor e as decepções que surgem nesse caminho.

Para entender melhor como esses processos se realizam, como é possível que haja abertura para o contorno desse mal-estar, é preciso introduzir alguns conceitos-chave. A “pulsão”, peça central na teoria psicanalítica, pode ser denominada como uma força que se origina de uma excitação corporal e tem o objetivo de suprimir essa excitação, tensão, através de um objeto (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982). No início, o funcionamento sexual humano é autoerótico, ou seja, as pulsões são parciais, se satisfazem no próprio corpo, e a satisfação sexual não tem o objetivo de manutenção da espécie, de reprodução. Com os cuidados maternos sobre a criança, tem-se início a erotização de partes específicas no corpo, que se apoiam nas funções vitais, como, por exemplo, a erotização da zona oral que se apoia na função de alimentação (FREUD, 1905/2021).

Em termos de desenvolvimento, sabe-se que a unidade do Eu não existe desde o início da constituição humana, ela deve ser formada através de uma nova ação psíquica. Após a organização das pulsões, que deixam de ser parciais, há o advento do Eu como instância unificada. Assim, a criança tem a libido, seu interesse psíquico, voltado para o próprio Eu, na chamada fase narcísica e, após a continuidade do desenvolvimento “normal”, dá início à fase do complexo de Édipo (FREUD, 1914/2020), “fenômeno central do período sexual da primeira infância (FREUD, 1924/2020, p. 204). Essa fase coincide com a fase fálica, quando o genital masculino assume o papel principal, e não há uma continuação direta até o funcionamento genital propriamente. Há, na verdade, uma interrupção do desenvolvimento sexual, um período de pausa (FREUD, 1924/2020).

Após o complexo de Édipo, com a dessexualização da libido e entrada no período de latência, a criança passa a sublimar parte de suas pulsões, voltando-se, muitas vezes, para a arte e a educação (FREUD, 1924/2020). Ao se realizar o deslocamento das pulsões em relação às metas, para evitar a frustração com o mundo externo, a sublimação aparece como recurso efetivo de ganho de prazer, e, conseqüentemente de afastamento do mal-estar, a partir de atividades de trabalho psíquico e intelectual. Dentro disso, o criar do artista é um exemplo eficaz dessa sublimação, que afasta o desprazer de forma a dar vazão às suas fantasias. Apesar de as gratificações que a arte oferece serem ilusões, não deixam de ser essenciais à vida, por causa do papel da fantasia no psiquismo. À despeito de um menor vínculo com a realidade, ela traz grande satisfação em decorrência da concretização de desejos que não seriam satisfeitos na realidade (FREUD, 1930/2016). Aqui, a arte aparece novamente com a

importante função de auxílio no estancamento do sofrimento, mas, dessa vez, na posição de ser admirada, e não criada:

Entre essas satisfações pela fantasia se destaca a fruição de obras de arte, que por intermédio do artista se torna acessível também aos que não são eles mesmos criadores. Quem é receptivo à influência da arte nunca a estima demasiadamente como fonte de prazer e consolo para a vida (FREUD, 1930/2016, p. 37).

Segundo Freud, o artista possui grande capacidade de sublimação, e se afasta da realidade para alcançar sua satisfação. Ele o faz por meio da realização de suas fantasias na arte e consegue, deste modo, se voltar para a realidade de forma menos restrita (FREUD, 1917d/2021). Visto isso, torna-se fácil reconhecer seu papel como veículo para a propagação da arte e, como consequência, de uma saída viável e pouco penosa para o sofrimento humano. Não só ele acha saídas para o próprio mal-estar, mas ainda exerce função similar para quem se serve dela, como exposto anteriormente, e novamente ressaltado:

Sendo capaz de tudo isso, ele possibilita que os outros extraiam novamente alívio e consolo de suas próprias fontes de prazer inconscientes que se tornaram inacessíveis, obtendo sua gratidão e admiração e assim chegando, *através* de sua fantasia, ao que antes alcançava apenas *em* sua fantasia: honras, poder e o amor das mulheres (FREUD, 1917d/2021, p. 500, grifo do autor).

No trecho, além do autor citar alguns dos principais temas das fantasias humanas (honras, poder, amor), explica a forma com que os artistas possibilitam o alívio do sofrimento. Dado a sua maior capacidade sublimatória, conseguem extrair as partes muito pessoais e possivelmente desagradáveis ao público de suas obras, de modo que, ao fazerem tudo isso, ainda assim conseguem ser fiéis à sua fantasia, contando com o que Freud chama de “poder enigmático” (FREUD, 1917d/2021, p. 499). Desta forma, têm o poder de satisfazer sua fantasia inconsciente na medida que diminuem os recalques, possibilitando, ainda, que outras pessoas desfrutem de suas próprias fantasias sem qualquer recriminação e sem pudor (FREUD, 1908/2021, p. 338).

A arte, então, é de essencial importância para a psicanálise, como já destacado por Freud em diversos textos. Além dos pontos que serão abordados adiante, existe essa função fundamental de amparar o sujeito que sofre (FREUD, 1930/2016), e, mesmo que não cumpra essa função de maneira a abolir totalmente o sofrimento, ainda assim é digna de ser apreciada e estudada pela psicanálise:

[...] a felicidade na vida é buscada sobretudo no gozo da beleza, onde quer que ela se mostre a nossos sentidos e nosso julgamento, a beleza das formas e dos gestos humanos, de objetos naturais e de paisagens, de criações artísticas e mesmo científicas. Essa atitude estética para com o objetivo da vida não oferece muita

proteção contra a ameaça do sofrer, mas compensa muitas coisas (FREUD, 1930/2016, p. 39).

Na presente pesquisa, toma-se como exemplo de artista o escritor e o poeta. A eles Freud atribui o entendimento de conceitos que a psicanálise pode não dar conta de explicar, assim como quem tem acesso mais fácil à fantasia inconsciente (FREUD, 1933/2021). Com isso, é justificado o esforço em tratar da escrita, da arte e da obra literária. Lacan enfatizou a influência do poeta na estruturação da psicanálise:

Pode-se dizer de Goethe que, por sua inspiração, sua presença vivida, ele impregnou e animou extraordinariamente todo o pensamento freudiano. Freud reconheceu que foi a leitura dos poemas de Goethe que o lançou nos seus estudos médicos e decidiu, ao mesmo tempo, seu destino, mas isso é pouco perto da influência de Goethe sobre sua obra. Portanto, é com uma frase de Goethe, a última, que exprimerei o motor da experiência analítica, com as tão conhecidas palavras que ele pronunciou antes de afundar, de olhos abertos, no buraco negro: *Mehr Licht!* (“Mais luz!”) (LACAN, 1953/2008, p. 25)

1.3 Fantasia e realidade psíquica

Em atualização à teoria dos sonhos, Freud afirma a existência de símbolos que possuem o mesmo significado em diferentes sonhos, um significado fixo. Sendo assim, é possível fazer uma tradução direta e sem maiores dificuldades desses elementos pontuais, de forma a complementar a interpretação. Ao explicar esse movimento, afirma que a chave do significado desses símbolos deve ser extraída de contos de fada, de mitos, do folclore, do uso poético e do uso cotidiano da língua. O uso da fantasia funciona como propagador de símbolos, que dão suporte ao imaginário psíquico desde muito cedo no desenvolvimento humano (FREUD, 1916a/2021). Logo, a literatura passa a ter um papel ainda mais fundamental para a psicanálise do que os já mencionados. Tem ligação direta com a interpretação de sonhos, material central do desdobramento de toda a teoria psicanalítica, que contém indícios indiscutíveis do inconsciente, assim como com a fantasia:

Em segundo lugar, essas relações simbólicas não são coisa peculiar ao sonhador ou ao trabalho do sonho, mediante o qual elas ganham expressão. Já descobrimos que desse mesmo simbolismo se servem os mitos e os contos de fada, os provérbios e as cantigas populares, o uso corriqueiro e a fantasia poética (FREUD, 1916a/2021, p. 225).

Para iniciar o ponto defendido, de que a psicanálise pode se servir amplamente da literatura e, mais especificamente, da narrativa como auxílio nos estudos clínicos, vale ressaltar que o próprio ímpeto para a criação literária vem, frequentemente, associado a uma memória de acontecimentos infantis, assim como a fantasia. A partir daí, o escritor inicia sua narrativa e torna-se possível localizar muitos elementos de sua experiência no decorrer da

leitura (FREUD, 1908/2021). Como a psicanálise busca investigar a vida infantil do sujeito, o escrito baseado em memórias infantis torna-se material precioso de análise, visto que “tanto a obra literária como o devaneio são prosseguimentos e substituição do que um dia foi brincadeira infantil” (p. 336), brincadeira esta que consiste na maior ocupação da criança durante esse período. Além disso, o que se espera alcançar é a compreensão de que a narrativa, ao proporcionar contorno à fantasia, como caminho possível, mostra-se como ferramenta indispensável para a pesquisa clínica.

Em primeiro lugar, é necessário um olhar detido sobre algumas contribuições da ficção na obra freudiana. Em seu ensaio “O inquietante” (1919/2020), o autor faz uso de diversas fontes literárias para a explicação do conceito de *unheimliche* que, na edição da Companhia das Letras, é traduzido como “inquietante”. Em uma primeira parte do texto, pelo fato da palavra possuir uma tradução literal insuficiente, há a tentativa de desdobrar o significado desse termo pela semântica, resultando numa apreensão apenas geral de seu significado. Esse método de pesquisa não se mostrou suficiente para abranger a extensão do conceito e, então, Freud recorre à literatura.

Na segunda parte do ensaio, o autor faz uma descrição extensa da narrativa “O Homem da Areia”, de E.T.A. Hoffmann. Durante a exposição das aventuras vividas pelo personagem principal, que se depara diversas vezes com o sentimento de terror causado por alguma coisa que não sabe bem descrever, Freud busca explicar de forma lúdica e exemplificada o que significa a angústia ou o terror contido no inquietante, alegando que “a ficção cria novas possibilidades de sensação inquietante, que não se acham na vida” (FREUD, 1919/2020, p. 374). Nesse sentido, torna-se tangível o motivo de a escolha ter sido na direção de histórias fictícias, e não de exemplos reais, já que essas possibilidades de sensações inquietantes se somam ao fato de que “nós reagimos a suas ficções tal como reagiríamos a nossas próprias vivências” (p. 373). Ou seja, podemos vivenciar a ficção tal como se fosse nossa própria vida, podendo contar, ainda, com uma disponibilidade muito maior de exemplos e sensações.

No seu texto “O delírio e os sonhos na *Gradiva*” (1907/2021), Freud faz uma longa análise de um sonho e de um delírio retratados em uma obra literária, fazendo o uso prático de conceitos analíticos para isso. Ainda, consegue elucidar os fenômenos abordados de forma coerente e proveitosa à teoria psicanalítica. No final dessa análise literária, traz a conclusão de que o escritor expressa seu inconsciente artisticamente em sua obra, de forma escrita, o que corrobora com o exposto até aqui:

O romancista faz de outro modo; dirige a atenção para o inconsciente em sua própria psique, espreita os possíveis desenvolvimentos dele e lhes proporciona uma expressão artística, em vez de suprimi-los com a crítica consciente. Assim, chega a saber a partir de si o que aprendemos em outros: as leis que a atividade desse inconsciente tem de seguir (FREUD, 1907/2021, p. 117).

O autor deixa uma ressalva no que diz respeito à comparação da ficção com a vida real, no entanto. No momento em que há um paralelismo na obra fictícia com a realidade, os efeitos do inquietante, quando comparados, podem ser parecidos, mesmo com a possibilidade de o escritor ultrapassar a fronteira da realidade comum. Mas à medida que a ficção vai frontalmente de encontro com o vivenciado, afirma que há uma profunda modificação

[...] pois o reino da fantasia tem, como premissa de sua validade, o fato de seu conteúdo não estar sujeito à prova da realidade. O resultado, que soa paradoxal, é que na literatura não é inquietante muita coisa que o seria se ocorresse na vida real, e que nela existem, para obter efeitos inquietantes, muitas possibilidades que não se acham na vida. Entre as muitas liberdades do criador literário está a de escolher a seu bel-prazer o mundo que apresenta, de modo que este coincida com a realidade que nos é familiar ou dela se distancie de alguma forma (FREUD, 1919/2020, p. 372).

É importante deixar claro que há um limite entre ficção e realidade, e uma coisa não equivale à outra. Todavia, fica evidente a contribuição que pode ser obtida ao pesquisar lado a lado teoria e literatura, uma se apoiando na outra, com cautela, assim como Freud exemplificou no ensaio de 1919. Ele provou que, pela característica narrativa de transportar o leitor para dentro da história, é possível que haja a compreensão de conceitos, por comparação, com muito mais clareza do que apenas pela exposição conceitual. Talvez pelo ganho de prazer oriundo da leitura da fantasia do escritor ou pela possibilidade do desfrute de nossas próprias fantasias, proporcionada por ele (FREUD, 1908/2021).

Por outro lado, dizer que fantasia e realidade não coincidem não é a mesma coisa que dizer que são opostas. É possível perceber isso ao observar a criança que “ao brincar, se comporta como um criador literário, pois constrói para si um mundo próprio” (FREUD, 1908/2021, p. 327). O que se opõe à realidade é a brincadeira. A fantasia, por sua vez, se apoia nela. Funciona, na verdade, como realização de desejos: “desejos não satisfeitos são as forças motrizes das fantasias, e cada fantasia é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (FREUD, 1908/2021, p. 330). Assim, ela é material fundamental para estudo clínico, visto que é fonte de sonhos, de neuroses e até de psicoses, quando formada de modo excessivo (FREUD, 1917d/2021).

A narrativa produzida pelos escritores contém importante material de sua fantasia. A literatura pode ser uma maneira bastante frutífera de o sujeito conseguir expressar suas

fantasias, sem gerar o espanto que geraria caso enunciasse-as em voz alta e, ao contrário, gerando prazer:

[...] o “sonhador diurno” esconde cuidadosamente dos outros indivíduos as suas fantasias, pois sente que há motivos para envergonhar-se delas. Eu acrescentaria agora que, mesmo que ele as comunicasse, não nos daria prazer com tais revelações. Ao saber dessas fantasias, ficamos chocados ou, quando muito, permanecemos frios. Mas, quando um escritor nos brinda com suas “peças” ou nos conta aquilo que nos inclinamos a considerar seus devaneios pessoais, sentimos elevado prazer, provavelmente oriundo de muitas fontes (FREUD, 1908/2021, p. 337).

A fantasia, desta forma, se atualiza como realidade psíquica do sujeito neurótico. Ela é importante porque, na medida em que realiza um desejo causando obtenção de prazer, trabalha como um “reino intermediário”, que não rompe totalmente com a realidade (FREUD, 1917d/2021). Logo, a escrita e a literatura em geral podem servir como ferramenta de escoamento da fantasia, para que elas apareçam e, conseqüentemente, nos forneça material de pesquisa e estudo para o desenvolvimento da teoria e da clínica (FREUD, 1908/2021).

CAPÍTULO 2

2. A FAMÍLIA: UM RECORTE DA RELAÇÃO ENTRE MÃE E FILHA

“Saindo da casa da mãe, havia acreditado, idiota que era, que seria dona de sua vida de uma vez por todas. Mas a casa materna estendia-se pelo mundo inteiro agarrando-a por onde andasse. Em lugar nenhum Tereza escaparia dela”.

Milan Kundera, 1984 – *A insustentável leveza do ser*

No primeiro capítulo foi trabalhada a noção do *romance*, em sua estrutura e composição, como ferramenta de uso prático para a psicanálise. Agora, a segunda parte tratará da *família*, do caráter narratológico que compõe essa trama. Busca-se adentrar o espinhoso terreno de romance familiar que envolve especificamente mães e filhas. Para isso, é inevitável a articulação de operadores conceituais que deem contorno adequado para uma chegada mais coerente a essa questão. Uma temática de tamanha complexidade e com tantas possíveis consequências não é capaz de ser abordada sem o estudo cuidadoso de importantes conceitos da base psicanalítica, e sem dúvida não pretende ser esgotada na presente discussão, mas, sim, contemplada de maneira incipiente.

Ao pousar um olhar detido sobre as obras de Elena Ferrante, um leitor atento pode notar que o elo que existe em todos os livros é a conflituosa relação existente entre mães e filhas, passada de geração em geração, permeada, no fundo, por um conflito ainda maior: o conflito em ser mulher. As questões femininas se apresentam como multifacetadas desde o início de sua organização; não à toa Freud diz que “também a psicologia não soluciona o enigma da feminilidade” (FREUD, 1933/2021, p. 268) e que “a comparação com o que sucede no garoto nos diz que a evolução da garota pequena para uma mulher normal é mais difícil e complicada” (FREUD, 1933/2021, p. 270). Diante disso, a psicanálise aparece como uma eficaz ferramenta de estudo em direção a uma maior compreensão a respeito dessas relações paradoxais, seja de mulheres com suas mães ou filhas, seja de mulheres com sua própria constituição.

2.1 A sexualidade feminina e a feminilidade

Para falar da relação entre mãe e filha, de partida é importante observar que “ao se observar a relação mãe-filha, o primeiro fator a ser considerado é este: que ambas têm um corpo feminino” (ZALCBURG, 2003, p. 148). Muitos desdobramentos são consequência dessa similaridade de corpos, que ocasiona, frequentemente, uma indistinção, uma indefinição entre as duas, e essa proximidade corporal é fator crucial para as particularidades dessa relação (ZALCBURG, 2003), fatores que serão abordados mais adiante. Essa similaridade revela um aspecto que não existe entre a mãe e o filho menino, já que os corpos apresentam constituição diversa, e também o desenvolvimento sexual. Para a apreensão desse ponto, a sexualidade feminina e a feminilidade entram como assuntos indispensáveis, sua discussão e diferenciação representando um desafio já para Freud em sua época, visto que ultrapassam a questão edípica em muitos ângulos (QUEIROZ DE PAULA, 2022).

O próprio Freud alega ser uma tarefa quase impossível a descrição de o que é uma mulher, para a psicanálise, sendo, também, o seu entendimento acerca da feminilidade um continente negro, em fragmentos, o que faz com que ele direcione, ainda, a pesquisa sobre esse tema para os escritores e para a ciência (FREUD, 1933/2021). Desse modo, apesar dos impasses quanto à constituição sexuada feminina e também *por causa* deles, torna-se relevante o estudo de tais pontos para essa discussão, ainda em um momento em que não é possível afirmar uma solução definitiva para a questão da sexuação das meninas. É importante destacar, também, que a maternidade pode não ser considerada como um ponto final para isso, como poderia se pensar, devido ao fato de Freud mesmo se referir à sexualidade feminina como um enigma (QUEIROZ DE PAULA, 2022).

Para a construção de um caminho lógico que leve à apreensão do desenvolvimento sexual feminino, da feminilidade, e das suas consequências para o romance familiar, é interessante atentar-se sobre como o tema do feminino comparece na obra freudiana. A sexualidade feminina é construída aos poucos, no decorrer de toda a obra, mas com alguns pontos marcantes para o estabelecimento da teoria. É preciso entender as concepções iniciais para um bom fundamento dessa teoria, visto que o autor mesmo não compreendia, de antemão, o motivo de o desenvolvimento feminino se apresentar como mais “obscuro e insuficiente” do que o masculino (FREUD, 1924/2020, p. 211).

Em um primeiro momento, Freud não faz clara distinção entre a sexualidade feminina e masculina. Demonstra importantes descobertas acerca da existência da sexualidade infantil, porém tomando como modelo o menino. Ao investigar, nas crianças, as buscas pela obtenção de prazer sem a meta de reprodução, ele consegue comprovar um autoerotismo inicial, uma busca pela satisfação da pulsão sexual em um corpo que se basta. Faz uma

primeira diferenciação no que tange à diferença entre os sexos quando fala da masturbação infantil. Devido à diferença anatômica, meninas e meninos possuem práticas distintas de masturbação. No entanto, o clitóris da menina ainda representa um pequeno pênis, ou seja, o modelo de sexualidade ainda é essencialmente masculino (FREUD, 1905/2020). Ele ainda corrobora isso ao afirmar que a primeira teoria sexual infantil é “a suposição de que há o mesmo genital (masculino) em todas as pessoas” (p. 104).

Freud ainda fala, nesse momento inicial, que as crianças não conseguem reconhecer a existência da vagina, do orifício sexual feminino. Essa suposição faz com que a menina veja seu genital como em clara desvantagem em relação ao do menino, culminando em uma inveja do pênis (*Penisneid*), um desejo de também ser um garoto (FREUD, 1905/2020). Em uma tentativa de diferenciar a sexualidade dos dois sexos, diz que a descoberta da vagina ocorre só após a puberdade. Na infância, antes do período de latência, não existe a possibilidade de diferenciação entre os sexos, pois “a sexualidade das garotas pequenas tem caráter completamente masculino” (p. 139). Apenas após a puberdade, com a mudança da zona sexual diretiva, na menina, do clitóris para a vagina, em consequência do recalque da sexualidade clitoridiana, a menina passa a ter uma atividade sexual diversa da do menino, em condição de realizar o trabalho psíquico para tornar-se uma mulher (FREUD, 1905/2020).

Quase duas décadas depois, Freud retoma o que disse nos *Três ensaios* (1905/2020) a fim de fazer algumas alterações na teoria. Afirma que, se anteriormente havia suposto um grande distanciamento entre a sexualidade infantil e a adulta, agora poderia retificar-se. Os dois momentos da sexualidade não eram assim tão diferentes:

Mesmo não chegando a uma autêntica reunião dos instintos parciais sob o primado dos genitais, no auge do desenvolvimento da sexualidade infantil o interesse nos genitais e sua atividade adquirem uma significação preponderante, que pouco fica a dever àquela da maturidade (FREUD, 1923/2020, p. 170).

Logo, era preciso apontar a principal diferença entre a sexualidade infantil e a adulta, visto que a diferença central, anteriormente inferida, agora se encontrava de maneira similar em crianças e adultos (FREUD, 1923/2020). Nesse momento, Freud dá mais consistência à ideia de que, na infância, existe apenas um genital:

A principal característica dessa “organização genital infantil” constitui, ao mesmo tempo, o que a diferencia da definitiva organização genital dos adultos. Consiste no fato de que, para ambos os sexos, apenas *um genital*, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do *falo* (FREUD, 1923/2020, p. 171).

Embora essa afirmação já se apresente como uma modificação no que tange à sexualidade infantil, o autor continua sem saber situar a posição feminina nesse esquema, dizendo que “falta-nos o conhecimento dos processos correspondentes na menina” (FREUD, 1923/2020, p. 171). Dessa forma, a primazia do falo ainda aparece como sendo uma concepção essencialmente masculina, e o complexo de castração decorrente disso, sendo explorado apenas no desenvolvimento do menino. Reitera, ainda, o que disse sobre a impossibilidade do reconhecimento da vagina: “em tudo isso, o genital feminino não parece jamais ser descoberto” (p. 175). Não há oposição entre genitais masculinos e femininos, e sim uma oposição entre fálcos e castrados (FREUD, 1923/2020).

Apenas em 1924 Freud destaca que há um caminho diverso no desenvolvimento sexual feminino, apesar de classificar como “muito mais obscuro e insuficiente” (FREUD, 1924/2020, p. 211). A novidade é que, apesar de um desenvolvimento diferente, a menina é também regida por uma organização fálca e se depara com um complexo de castração. Quando afirma que “anatomia é destino” (p. 211), Freud busca mostrar que a diferença anatômica entre os sexos não é mero detalhe, mas que, na verdade, acarreta em consequências marcantes no desenvolvimento psíquico. Ao se deparar com o genital masculino, a menina se percebe em desvantagem em comparação ao seu clitóris, que infere como sendo um “pênis inferior”. A expectativa de se equiparar anatomicamente ao menino permanece por um tempo, e ela espera que seu pênis pequeno se desenvolva, dando início a um “complexo de masculinidade”. Ela não entende que sua vagina é uma característica sexual, mas, na verdade, que possuiu um dia um pênis e o perdeu (FREUD, 1924/2020).

A lógica da superioridade do pênis atua sobre a criança do sexo feminino também. Ao perceber que não possui este atributo, ela reconhece logo sua posição de castrada, de faltante. Desta forma, não há o medo da perda de algo que ela nunca possuiu, sendo essa a diferença essencial entre o desenvolvimento feminino e masculino: “a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto o menino teme a possibilidade da consumação” (FREUD, 1924/2020, p. 212). Sem possuir o medo de ser castrada, a menina não tem em si um motivo forte para se desprender da organização genital infantil, e isso gerará importantes consequências para seu Édipo, e, conseqüentemente, seu desenvolvimento sexual (FREUD, 1924/2020).

Freud traz, nesse momento ainda, uma primeira consequência da castração feminina. Apesar de aceitar sua condição de castrada, a garota permanece na expectativa de compensação. Por um tempo espera receber um pênis - o que foi denominado “complexo de masculinidade” anteriormente. Posteriormente, ela passa “do pênis ao bebê” (FREUD,

1924/2020, p. 212), durante o complexo de Édipo, que se transforma no desejo de obter essa compensação do pai, na forma de um filho, substituto fálico. O autor ainda sugere que, por não haver mais o medo da castração, que encerraria o complexo de Édipo no menino, a menina abandona seu Édipo aos poucos, ao perceber que a compensação esperada não chegará (FREUD, 1924/2020).

Quando Freud se volta para o exame das consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, consegue dar um contorno maior ao assunto da sexualidade feminina, construindo a base necessária para abordar o assunto de forma mais aprofundada posteriormente. Corrige a afirmação de que o interesse sexual das crianças seria despertado pela pesquisa sexual, e afirma que esse interesse surge por causa da diferença entre os sexos. Explora, pela primeira vez de forma mais detalhada, o complexo de Édipo feminino. Esse processo apresenta uma diferença fundamental na garota, um problema a mais. Pelo fato de a mãe ser também seu primeiro objeto de amor, é preciso que haja uma troca de objeto no decorrer do complexo, para que ela consiga se voltar para o pai. A questão que se segue é o que leva a menina a abandonar esse objeto (FREUD, 1925b/2020).

No desenvolvimento feminino, o complexo de Édipo se comporta como uma formação secundária, em relação ao do menino. Para que se alcance o Édipo feminino, é preciso uma compreensão mais extensa acerca do período que o antecede, o pré-edípico. Nesse período, antes do encontro com a castração, a menina se depara com a diferença anatômica do órgão sexual do menino e “num instante ela faz seu julgamento e toma sua decisão. Ela viu, sabe que não tem e quer ter” (FREUD, 1925b/2020, p. 291).

Na eventualidade de se apegar insistentemente à ideia de vir possuir um falo, não superando o complexo de masculinidade, se afastará da chegada prevista ao desenvolvimento sexual normal. No entanto, a inveja do pênis, quando não causa esse afastamento da sexualidade, tem outras consequências fundamentais para a garota. Há o sentimento de menosprezo pelo sexo feminino, que compartilha com os homens, ao se dar conta que todas as mulheres são castradas, e não só ela. Além disso, como segunda consequência possível, há o traço do ciúme que persiste, sendo muito mais presente na vida da mulher do que na do homem, por se tratar de parte da inveja do pênis que foi deslocada (FREUD, 1925b/2020).

Por fim, a *Penisneid* acarreta em outros dois efeitos cruciais para o desenvolvimento sexual da mulher. Ao culpar a mãe “por tê-la posto no mundo tão pouco aparelhada” (FREUD, 1925b/2020, p. 293), a garota tem sua relação afrouxada com o objeto materno. Em decorrência desse sentimento de humilhação por causa da inveja, ela, muitas vezes, abandona a masturbação clitoridiana. Essa prática é entendida como masculina e, ao se

dar conta de que não estará à altura dos meninos nesse quesito, afasta-se da masturbação. Esse afastamento é um ponto essencial para que a garota continue no caminho do seu desenvolvimento rumo à posição feminina (FREUD, 1925b/2020).

Desta forma, percebe-se que a inveja do pênis é fundamental para que a criança do sexo feminino abandone a masculinidade e simbolize a equação de que o pênis equivale ao bebê e, assim, substitua o desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um filho. Apenas após realizar essa troca, ela será capaz de realizar a troca de objeto, virando-se finalmente para o pai e dando início ao complexo de Édipo. Toda essa trajetória que a menina percorre de encontro à sexualidade feminina ocorre antes do Édipo. Isso comprova a importância da pré-história da infância feminina. Enquanto o complexo edípico é o ponto mais importante no desenvolvimento sexual masculino, o período anterior é muito mais central para o desenvolvimento sexual da menina (FREUD, 1925b/2020).

Reiterando o que afirmou em 1924, Freud, ao comparar a dissolução do complexo de Édipo da menina com a do menino, diz que a menina pode abandonar o complexo lentamente. Além disso, acrescenta que ela pode também liquidar o Édipo pelo recalque ou, ainda, é possível que o processo persista até tarde na vida psíquica da mulher, causando efeitos (FREUD, 1925b/2020). Essas consequências serão abordadas de forma mais detalhada em textos posteriores, mas ao examinar o percurso do desenvolvimento da teoria psicanalítica a respeito da mulher, esse momento representou desdobramentos muito mais avançados em relação ao que se tinha anteriormente.

Alguns anos depois, Freud publica “Sobre a sexualidade feminina” (1931/2021). Nesse texto, há um retorno às descobertas feitas anteriormente, e um aprofundamento na questão da sexualidade da mulher, que é abordada com mais precisão e cuidado. Algumas questões essenciais, não respondidas de forma completa previamente, são lançadas, como as razões da mudança de objeto da menina, como ocorre e o porquê (FREUD, 1931/2021). Nesse momento, o autor destaca as duas transformações que a menina precisa passar para completar o seu desenvolvimento sexual: a mudança da zona genital dominante - do clitóris para a vagina - e a troca do objeto - da mãe para o pai (FREUD, 1931/2021).

Apesar de essas descobertas já terem sido reconhecidas anos antes, há modificações importantes nesse momento. Em primeiro lugar, o autor aponta a ênfase a respeito da intensidade da relação com a mãe, anterior à relação com o pai, que é herdeira daquela. Em segundo lugar, a duração dessa relação também é destacada, afirmando que essa ligação pode ser muito mais longa do que antes se supunha, chegando a afirmar que algumas meninas nunca a superam, e, assim, nunca se voltam realmente para o homem. Esse período

se revela de forma bem mais central na formação da mulher do que na do homem (FREUD, 1931/2021). O caráter indispensável dessa discussão pode ser observado no seguinte trecho:

Naturalmente sabíamos que tinha havido um estágio de ligação com a mãe, mas não que podia ser tão rico em conteúdo, durar tanto e deixar tantos ensejos para fixações e predisposições. (...) Quase tudo o que achamos na relação com o pai já estava presente naquela, e depois foi transferido para o pai. Em suma, adquirimos a convicção de que não podemos compreender a mulher se não considerarmos esta fase de ligação pré-edípica com a mãe (FREUD, 1933/2021, p. 273).

A descoberta central apresentada nesse texto, portanto, é que “a fase pré-edípica da mulher assume uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído” (FREUD, 1931/2021, p. 373). Além disso, para efeito de distinção, Freud já dá indícios do que futuramente iria caracterizar como “feminilidade”, ao afirmar que essa fase de ligação com a mãe tem íntima relação com a etiologia da histeria, pois tanto a fase pré-edípica quanto a neurose são características essenciais da feminilidade (FREUD, 1931/2021):

No horizonte dessas questões, temos assinalado o porquê de a histeria ter afinidade de estrutura com a sexuação feminina, podendo ocasionar posições que visam negar sua condição de castrada, como, por exemplo, uma aversão geral à sexualidade, o complexo de masculinidade e a bela indiferença histérica. Esses impasses evidenciam que o complexo de Édipo demonstra-se insuficiente para dar conta da sexualidade feminina (QUEIROZ DE PAULA, 2022, p. 6).

A menina, portanto, passa por um caminho de transição. Sua sexualidade é composta por duas fases: uma primeira fase, masculina, tendo o clitóris como órgão diretor; e uma segunda fase, feminina, que tem como órgão diretor a vagina. Essa transição, mudança no sexo da mulher, está intimamente ligada com a mudança no objeto. A mudança para a vagina deve vir acompanhada pela virada para o pai, como objeto de amor. Torna-se crucial, então, estudar o percurso da menina até essa “virada”. Todo esse complexo processo não pode ocorrer sem consequências e entraves (FREUD, 1931/2021).

Ao se admitir como ser castrado e em desvantagem, e aceitar esse fato como consumado (FREUD, 1924/2020), a menina pode ter três destinos distintos em seu desenvolvimento. Ela pode, em uma primeira orientação de desenvolvimento, renunciar à atividade fálica e se afastar da sexualidade. Ela se sente inferior e, conseqüentemente, parte significativa de sua masculinidade também é renunciada. Em um segundo destino, ela pode permanecer na expectativa de ter um pênis, permanecer na masturbação clitoridiana, recusando-se a renunciar à masculinidade. Finalmente, pode fazer a troca de objeto, se voltar para o pai, e seguir o curso do desenvolvimento “normal”, culminando na entrada no Édipo. Caso o desenvolvimento se dê por um dos dois primeiros caminhos mencionados, a menina terá grandes dificuldades em seu percurso sexual. Desta forma, para que a menina entre no

Édipo, é preciso que ela não renuncie à sexualidade ao se perceber castrada, e que também não se apegue à ideia fixa de possuir um pênis. É fundamental que haja uma transição das ligações afetivas da mãe para o pai (FREUD, 1931/2021).

Para que haja essa passagem, no entanto, é preciso que, primeiro, haja um afastamento entre mãe e filha, um afrouxamento de tal ligação tão intensa. Para isso, Freud (1931/2021) traz algumas razões que acarretam nessa separação. Os primeiros motivos não esclarecem a peculiaridade do caso da menina, pois acontecem de forma análoga com o menino. São esses: o ciúme sentido em relação ao pai e a outros “rivais”, como os irmãos; a ausência da meta nesse amor, que não pode ser plenamente satisfeito; a desvalorização da mulher enquanto ser castrado. Por fim, um motivo particular da menina é enunciado: “Seja como foi, no final dessa primeira fase de ligação à mãe aparece, como o mais forte motivo para o afastamento da mãe, a recriminação de que ela não deu à menina um genital verdadeiro, isto é, de que deu à luz como mulher” (FREUD, 1931/2021, p. 384).

Nesse sentido, é relevante destacar que a inveja do pênis é ponto central no processo de afastamento da mãe e, conseqüentemente, no curso do desenvolvimento sexual da mulher. Freud ressalta que “os primeiros impulsos libidinais possuem uma intensidade superior à de todos que vêm depois” (FREUD, 1931/2021, p. 397). Ou seja, a teimosia pela masculinidade, por ter também direito ao falo, importante fonte de impulsos libidinais na primeira parte da infância, tem origem na inveja do pênis. A menina consegue fazer suas trocas necessárias para o caminho da condição de mulher também por causa do complexo de masculinidade, e isso não é secundário (FREUD, 1931/2021). Durante esse desenvolvimento, há diferentes destinos para a sexualidade da mulher, mas é fundamental a compreensão de que para ela também opera a lógica da primazia do falo, visto que “a *sexualidade feminina (Weiblichsexualität)* foi circunscrita prioritariamente, mas não exclusivamente, à demanda do pênis à mãe, ao pai, ao homem e ao filho” (QUEIROZ DE PAULA, 2022, p. 4).

Ainda sobre o desenvolvimento sexual feminino, Freud retoma na conferência “A feminilidade” (1933/2021) algumas questões pendentes. Resume todas as descobertas até então feitas, com inevitáveis repetições. Frisa o caráter de “enigma” da sexualidade feminina, e enfatiza algumas características próprias do feminino, devido ao predomínio da meta passiva, como a impressão de que ela é mais receptiva e dócil, por exemplo. Ainda, refuta a equivalência entre feminino e passivo, apontando grande dose de atividade para que se alcance uma meta passiva. Foi observado que a garota, durante a infância, possui impulsos agressivos tanto quanto os meninos. Isso leva à afirmação de que “a garota pequena é um pequeno homem” (FREUD, 1933/2021, p. 271). O desenvolvimento dos dois sexos acontece

de forma análoga, no início. Além dos impulsos agressivos de mesma intensidade, há a equivalência dos órgãos sexuais e a prevalência de um mesmo objeto amoroso, a mãe (FREUD, 1933/2021).

O que aparece de novidade, em níveis de aprofundamento, é a questão dos sentimentos libidinais existentes entre mãe e filha. O desejo de fazer um filho na mãe comprova o caráter sexual predominante nessa ligação. E, justamente por causa disso, há uma exposição mais abrangente das razões que levam ao rompimento de uma relação tão poderosa. Alguns motivos de hostilidade, que serão tratados mais adiante, são percebidos tanto no filho quanto na filha. A responsabilização da mãe pela ausência do pênis é trabalhada novamente, como consequência do complexo de castração:

[...] através da influência da inveja do pênis, a menina é afastada da ligação materna e entra na situação edípica como num porto seguro. Com a ausência do medo de castração, falta o motivo principal que impeliu o garoto a superar o complexo de Édipo. A menina permanece nele por tempo indefinido; desmonta-o tarde apenas, e mesmo então incompletamente (FREUD, 1933/2021, p. 286).

Assim, é ressaltada novamente o papel da inveja do pênis na menina e suas consequências. Além disso, alguns novos desdobramentos são incluídos, como a vaidade feminina como forma de compensar a inferioridade sexual e o pudor feminino, utilizado com a intenção de recobrir os genitais incompletos. A partir da *penisneid*, há as três vias do Édipo feminino já mencionadas. Nessa conferência, o entendimento dessas vias é ampliado, e pode-se concluir que nos três desenvolvimentos, há a passagem pelo Édipo. Na renúncia à sexualidade, a atividade passiva impulsiona a menina à troca de objeto, pelo objeto ativo - o pai. No apego à masculinidade, mesmo nos casos extremos que desembocam na homossexualidade, há um período em que o pai se torna objeto, mas que depois é abandonado e a menina regride até o complexo de masculinidade novamente (FREUD, 1933/2021).

Dito isto, percebe-se que, nessa conferência, Freud equivale a feminilidade como o destino final do desenvolvimento sexual feminino. Utiliza a conferência para fazer um apanhado de todas as descobertas que pôde obter, ao longo dos anos de pesquisa, a respeito da sexualidade feminina. Esse processo de sexuação que, como exposto, consiste na significação do falo, na apreensão da presença ou ausência do pênis, a partir da diferença anatômica entre os sexos (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2021). Por fim, termina admitindo que esse conhecimento é, ainda, um tanto incompleto. Como direcionamento, sugere que “se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informação mais profunda e coerente” (FREUD, 1933/2021, p. 293).

Finalmente, em 1937, Freud circunscreve o conceito de feminilidade em sua dimensão teórica final, no texto “Análise terminável e interminável” (1937/2021). Não é mais vista como apenas um estágio do desenvolvimento da mulher, mas como uma característica existente em ambos os sexos. Inicia o exposto articulando que tanto a inveja do pênis, nas mulheres, quanto “no homem, a revolta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem” (p. 322), são, na verdade, uma “rejeição da feminilidade”. Diz ainda que:

Em nenhum outro momento do trabalho analítico se tem mais a sensação vexativa de esforçar-se repetidamente em vão, de suspeitar que está “pregando no deserto”, do que quando se procura mover uma mulher a abandonar, como irrealizável, o desejo de ter um pênis, e quando se tenta convencer um homem de que uma atitude passiva perante os homens nem sempre significa uma castração e é indispensável em muitas relações da vida (FREUD, 1937/2021, p. 324).

Ao se deparar com a inveja do pênis ou com o protesto masculino (revolta da atitude passiva perante outro homem), se atinge a “rocha básica”, ou seja, chega-se ao fim do trabalho analítico. O autor conclui que “em outras palavras, o ‘protesto masculino’ não é senão, de fato, medo da castração” (FREUD, 1937/2021, p. 325). Logo, a rejeição à feminilidade corresponde, em última instância, ao medo da castração. O que era antes característica inerente às mulheres se torna, nesse momento, característica inerente à condição humana. O “rochedo da castração” mostra que tanto homens quanto mulheres direcionam a satisfação pulsional para os sintomas para conseguirem manter distantes da castração (QUEIROZ DE PAULA, 2022).

Desta forma, a sexualidade feminina “se refere à vertente do psiquismo regida pelo princípio do prazer/realidade” (QUEIROZ DE PAULA, 2022, p. 6), enquanto “a *weiblichkeit* (feminilidade) diz respeito ao que extrapola a regulação homeostática do princípio do prazer (...), que na análise apresenta-se como o limite do interpretável e do dizível” (p. 7). Por se encontrar nesse limite do dizível, a feminilidade não possui um significante que a represente (QUEIROZ DE PAULA, 2022). Como já foi indicado acima, a vagina é reconhecida como órgão biológico, na época da puberdade (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2021), mas o símbolo feminino continua sem representação. Devido à ausência de um símbolo que represente o feminino, da forma com que o pênis representa o masculino, o corpo da mulher se apresenta como indefinido (ZALCBERG, 2003). Dessa forma, a feminilidade representa, tanto para homens quanto para mulheres, tudo o que não pode ser simbolizado, que não pode ser representado (QUEIROZ DE PAULA, 2022).

Assim, há uma virada que se apresenta a partir da conceituação mais desenvolvida acerca da questão da feminilidade. Em um primeiro momento, o conceito de sexuação de

ambos os sexos era baseado na primazia da lógica fálica, levando em conta a lógica do desenvolvimento masculino. Em um novo momento, com o foco na investigação do complexo de castração, verifica-se que essa primazia aparece em decorrência da diferença anatômica entre os sexos, diante da não representação, no inconsciente, da mulher. A sexualidade feminina se serve do complexo de Édipo e da função fálica, mas não se reduz a esses operadores. Está para além disso, em decorrência de todas as diferenças anteriormente apontadas, da longa pré-história existente no desenvolvimento feminino, e do ponto de “incurável” que existe na feminilidade, que é a rocha que a análise não consegue transpor (QUEIROZ DE PAULA, 2022). Devido a todas essas diferenças no desenvolvimento sexual feminino, consequências se apresentam durante toda a vida da mulher, e algumas delas serão trabalhadas a seguir.

2.2 A ambivalência na relação mãe e filha

A relação conflituosa dos filhos em relação aos pais é tema recorrente em toda obra freudiana. Em “O romance familiar dos neuróticos” (1909/2021), Freud, ao observar o comportamento infantil, mostra indícios que tornam perceptíveis os sentimentos de hostilidade presentes nessa relação. Alega que a criança conhece e observa outros pais e os acontecimentos que lhe causam insatisfação, em relação aos seus, “(...) fornecem-lhe o ensejo para iniciar a crítica aos pais e empregar, nessa atitude contrária a eles, o recém-adquirido conhecimento de que outros pais são preferíveis em vários aspectos” (p. 420). A criança se torna para a mãe o alvo de seu pleno amor objetal, visto que se trata de uma parte de seu próprio corpo que surge como um novo objeto (FREUD, 1914/2021). É observável, sob a lente da psicanálise, que a menina apresenta uma maior hostilidade quanto à figura materna:

Portanto, a intensa ligação da menina com sua mãe tem de ser fortemente ambivalente, e, secundada por outros fatores, precisamente essa ambivalência a impele ao afastamento; ou seja, também devido a uma característica geral da sexualidade infantil. (FREUD, 1931/2021, p. 386)

Como exposto anteriormente, para que a menina siga o curso normal de sua sexualidade, é necessário que haja a troca de objeto da mãe para o pai. No entanto, o afastamento que acontece entre a mãe e a filha não é simplesmente consequência dessa mudança de objeto, mas, na verdade, ocorre acompanhado de claros sinais de hostilidade (FREUD, 1931/2021). Freud diz que as relações libidinais existentes entre as duas são “totalmente ambivalentes, de natureza tanto carinhosa como hostil-agressiva” (FREUD, 1933/2021, p. 273). Os sentimentos carinhosos são consequência de todo o cuidado materno

que faz com que a mãe seja o primeiro objeto de amor da filha, causando ainda “o desejo de fazer um filho na mãe” (p. 274). Os sentimentos que desfazem essa forte ligação causam um afastamento que ocorre “sob o signo da hostilidade” (p. 275), que pode nunca ser superado, fazendo com que a ligação materna termine em ódio (FREUD, 1933/2021).

O autor traz o conceito de ambivalência já em 1905 (FREUD, 1905/2020) e, posteriormente, ao tratar do desenvolvimento sexual da menina, diz ainda que esse traço pode se conservar pela vida inteira (FREUD, 1931/2021). Por não ter sido contemplada com o pênis e culpar a mãe, também castrada, a hostilidade da filha em relação a ela é consequência inerente ao processo de sexuação feminina (QUEIROZ DE PAULA, 2022).

É necessário entender que a razão pela qual a menina não continua insistindo no objeto materno e não mantém essa ligação incólume, assim como o menino, é porque não consegue resolver a ambivalência existente nessa relação, fator que a impele ao afastamento, e que será discutido mais adiante (FREUD, 1931/2021). Logo, para entender o afastamento ou a persistência na mãe é importante se atentar ao conceito de ambivalência e às origens dos sentimentos hostis presentes nessa relação.

Na sua obra “As pulsões e seus destinos”, Freud (1915/2020) trata sobre a definição de pulsões, em um momento inicial, e sobre os destinos das pulsões sexuais. Quando explica o primeiro destino possível, fala sobre a *reversão no contrário*, que se divide em *conversão da atividade em passividade* e *inversão de conteúdo*. A inversão de conteúdo é o que vai interessar mais à presente discussão, por se encontrar exclusivamente no caso da transformação de amor em ódio, a ambivalência que será tratada aqui (FREUD, 1915/2020).

O autor, apesar de trazer também o termo “ambivalência” em seu texto “A dinâmica da transferência” (1912b/2020), trata de forma mais minuciosa no trabalho de 1915, quando explica a origem e a formação desse fenômeno, ao explicar, primeiramente, a conversão de atividade em passividade, na oposição ativo-passivo. No entanto, refere-se à conversão de amor em ódio como o “mais significativo exemplo de ambivalência afetiva” (FREUD, 1915/2020, p. 72), sendo assim, o principal, por frequentemente coexistirem dirigidos a uma mesma pessoa. Paradoxalmente, apesar de formarem um importante par de opostos, o amor e o ódio não são uma oposição dada desde o início, podendo ainda o amor ter outras duas oposições: o ser amado e a indiferença (FREUD, 1915/2020).

No início da vida, o modo de satisfação do bebê é autoerótico, ou seja, suas pulsões se satisfazem em seu próprio corpo, fazendo com que, desta forma, o mundo externo seja sem importância (amor *versus* indiferença). Tudo o que aparece como prazer vem de seu próprio corpo. Conforme recebe objetos externos, acolhe os prazerosos para si, introjetando-

os. Nesse momento, durante a primeira fase do narcisismo, ele começa a distinguir o Eu do mundo externo, introjetando o que é fonte de prazer e rejeitando o que causa desprazer. Há, então, uma divisão entre a parte prazerosa, incorporada ao Eu (introjetada) e o que é desprazeroso, o mundo externo, o que lhe é alheio (amor *versus* ódio) (FREUD, 1915/2020).

A partir do momento que o bebê começa a reconhecer sua diferenciação com o mundo externo e a introjetar o que é prazeroso, busca sempre se aproximar do que é fonte de prazer:

[...] fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a “repulsão do objeto e o odiamos; esse ódio pode então exacerbar-se em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo (FREUD, 1915/2020, p. 76).

Desta forma, o amor corresponde à relação de prazer com o objeto, ou seja, está intimamente ligado à esfera sexual, visto que é fixado nos objetos que satisfazem as pulsões sexuais. Essa “repulsão” que se transforma em ódio, todavia, consiste na perseguição do Eu com o que causa desprazer, não tendo a ver, necessariamente, com um desprazer causado por frustração de natureza sexual, podendo possuir também, o objeto abominado, o caráter de ameaçador da autoconservação do Eu (FREUD, 1915/2020).

Portanto, é possível perceber que o amor não “nasce” como par oposto do ódio. Ele se constitui dessa forma ao longo de um processo de modificações. Há um primeiro estágio do amor que consiste em incorporar o objeto, em devorá-lo, sendo, assim, ambivalente (incorpora enquanto destrói o objeto, devora). Posteriormente, surge o impulso de se apoderar do objeto, mesmo que isso acarrete em seu aniquilamento, tendo um comportamento parecido com o do ódio em relação ao objeto. Finalmente, com o estabelecimento da organização genital no desenvolvimento, o amor se torna o contrário do ódio. Enquanto isso, o ódio surge, a partir das relações de desprazer, em combinação com as pulsões de conservação, se estabelecendo como oposto do amor apenas após a organização genital (FREUD, 1915/2020).

Assim sendo, é digno de nota que a ambivalência opera quando não há esse par de opostos estabelecido e equilibrado, o que ocorre após a fase genital. A ambivalência trabalhada por Freud equivale a um conflito, a um componente positivo e um negativo presentes simultaneamente, sem dialogar, sem um consenso, fazendo com que o sujeito não saiba a que responder (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982). Nesse sentido, a ambivalência impera nas fases pré-genitais, principalmente durante a fase oral, que há “um tipo de amor compatível com a abolição da existência separada do objeto” (FREUD, 1915/2020, p. 79) e

durante a fase sádico-anal, em que “o amor mal se distingue do ódio, em seu comportamento para com o objeto” (FREUD, 1915/2020, p. 79).

Diante disto, torna-se compreensível o motivo de as relações iniciais entre mãe e filha se caracterizarem como ambivalentes, visto que a vida psíquica da criança é tomada por esse conflito não estabilizado, em suas fases pré-genitais. A ambivalência permeia todo o desenvolvimento infantil. Muitos fatores contribuem para que esses sentimentos apareçam, como, por exemplo, recriminações por “falta de amor”, ilustradas pelo pouco leite fornecido à criança. Também o ciúme se destaca como fonte de ódio, quando há a chegada de uma nova criança na família, que lesa os direitos do filho que antes era o único objeto de investimento. Além disso, os desejos sexuais não satisfeitos pela mãe e, ainda, interrompidos com a proibição da masturbação causam fortes frustrações (FREUD, 1933/2021). Um desprezo em geral pela figura feminina, desprovida do falo, pode, igualmente, estar presente:

Em todos os casos a criança vê a castração, inicialmente, como um infortúnio individual; apenas depois a estende a algumas outras crianças e, por fim, a certos adultos. Com a percepção geral dessa característica negativa há uma grande desvalorização da feminilidade e, portanto, também da mãe (FREUD, 1931, p. 383).

No entanto, a maioria desses fatores que são citados como fontes de um princípio de afastamento entre a mãe e a filha ocorrem de forma análoga na relação com o filho. O menino, todavia, consegue superar essa hostilidade e permanecer na ligação com a mãe até o Édipo. Há, portanto, um fator que é específico do relacionamento com a menina e que vem como uma consequência psíquica da constatação da diferença anatômica entre os sexos. Esse fator consiste no primeiro motivo de afastamento citado anteriormente: “a garota responsabiliza a mãe por sua falta de pênis e não lhe perdoa essa desvantagem” (FREUD, 1933/2021, p. 279). Freud diz ainda que “não se pode duvidar muito da importância da inveja do pênis” (p. 281), pois esse fator é, essencialmente, o que causa especificamente o afastamento da filha em relação à mãe e à virada para o pai, que é que, afinal, pode lhe fornecer a compensação fálica (FREUD, 1933/2021).

A relação entre a mãe e a filha “é sempre uma relação intermediada pelo desejo da mãe de encontrar uma compensação para a sua falta como mulher e como sujeito” (ZALCBERG, 2003, p. 90), falta, aqui, simbolizada pela castração. É a prova concreta de sua insuficiência como ser, de sua falha, de sua impossibilidade de fornecer respostas a respeito do que é ser uma mulher:

A menina à saída do Édipo volta-se não só para o pai, mas também para a mãe à espera de que esta lhe forneça um significativo do sexo feminino. A mãe não pode dar à sua filha um traço ou uma insígnia como o pai oferece à criança de ambos os

sexos. É o que a filha deverá descobrir penosamente: que sua mãe não pode lhe indicar um signo claro da identidade feminina porque ele inexistente (ZALCBERG, 2003, p. 110).

Quando se percebe castrada, a menina começa a buscar respostas que justifiquem a sua existência. Demanda da mãe algo que simbolize a sua condição de mulher, já que não possui um pênis como o menino. Precisa da ajuda do outro materno para que consiga construir uma identificação feminina para si:

Só a menina precisa voltar-se para a mãe para encontrar um sentido no seu ser mulher a partir do seu corpo, já que o menino, à saída do Édipo, recebe do pai, pela identificação fálica, um reassuramento do seu corpo masculino (ZALCBERG, 2003, p. 180).

A garota é *destinada* a superar essa fase ligada à mãe e se ligar ao pai (FREUD, 1933/2016). Logo, ao destinar seus desejos fálicos para o pai e, assim, entrar no complexo de Édipo, há um fortalecimento dos sentimentos hostis em relação à mãe, que agora se torna uma rival “que recebe do pai tudo o que a menina cobiça dele” (FREUD, 1933/2021, p. 285). Sendo assim, é legítimo recuperar o que Freud diz sobre a “virada” da menina em direção a ele, após a resignação frente a sua posição de castrada quando, após concluir que não será possível se comparar, em termos fálicos, ao menino, abandona a competição: “Ela abandona o desejo de possuir um pênis, para substituí-lo pelo desejo de ter uma criança, e com esta intenção toma o pai por objeto amoroso. A mãe se torna objeto de ciúme; a menina se tornou uma pequena mulher” (FREUD, 1925b/2020, p. 295).

Por essas razões, se torna indispensável que haja um processo de separação entre mãe e filha, para que não haja um aprisionamento entre as duas. Ser objeto da fantasia da mãe é necessário pelo fato de ser estruturante para a criança, num momento que ela se encontra desamparada. No entanto, é preciso que, posteriormente, a menina se volte para o pai e dê início ao complexo de Édipo, para que seja possível um desenvolvimento sexual por vias normais (ZALCBERG, 2003).

O enredamento cada vez maior, sem separação, aumenta a indistinção entre mãe e filha e, em um medo constante de romper com a mãe, a filha pode nunca se sentir no direito de traçar um caminho próprio, um caminho que não seja o determinado pela mãe (ZALCBERG, 2003) pois, “no fundo, [as filhas] não se sentem com direito à própria vida” (p. 175). Por isso, a relação entre mãe e filha é de um tipo específico, devido ao seu desenvolvimento e às suas consequências para a vida de ambas, partindo, principalmente, da semelhança entre o corpo não completo da mulher, que se identifica ao da menina (ZALCBERG, 2003). Essa fusão, no entanto, precisa ser rompida para que a menina possa

viver sua experiência de sexualidade individual, e para que também a mãe consiga assumir uma identidade diferente à da filha. Assim sendo:

Somente uma separação verdadeira entre as sexualidades da mãe e da filha permite a destituição do corpo dessa mulher fascinante e temida que permanece entre ambas. A filha, de preferência com a ajuda da mãe, tem de poder afastar-se dessa imagem de mulher com a qual o corpo da mãe se funde. Só dessa forma pode aceder ao seu corpo e à sua sexualidade, distintos dos de sua mãe (ZALCBERG, 2003, p. 151).

Na obra freudiana, apesar de o fator principal do afastamento ser apontado como o ressentimento pela não aquisição do pênis, fica destacado que esse não é o único fator. Um conjunto de mecanismos são articulados para que essa ligação tão poderosa consiga se afrouxar. É comum perceber os efeitos dessas fontes de hostilidade ainda ecoando na vida da menina após a infância. O rancor por ter sido impedida de continuar a atividade masturbatória aparecerá, de novo, mais tarde, quando a filha tiver a sua virgindade controlada pela mãe, por exemplo (FREUD, 1931/2021). As acusações e queixas contra a figura materna reverberam por toda a vida, no romance familiar, porque as exigências de amor por parte dos filhos é sem limites e não admite que haja partilha (FREUD, 1933/2021).

Finalmente, outro ponto que aparece como crucial para a possibilidade de separação é o consentimento da mãe nesse processo. Cabe à mãe, nessa complexa equação, a ajuda no movimento de separação da filha, para que esta, a partir da entrada do pai na dinâmica, consiga realizar o caminho natural em direção à entrada no complexo de Édipo e, conseqüentemente, faça a passagem da condição de menina para mulher (ZALCBERG, 2003). Para isso, é preciso que a criança não complete a mãe, que ainda haja espaço para desejar, que haja espaço para desejar o homem; é preciso que a mãe não deixe de ser também mulher, que ela se deixe ser dividida pela criança no sentido de não ser preenchida (MILLER, 2014). As conseqüências da não separação reverberam de forma determinante, tanto na vida da mãe, quanto na vida da filha:

Pela importância que a mãe adquiriu para a filha ao longo de sua vida, um temor atravessa sua vida: o de nunca poder separar-se de sua mãe para ser ela mesma. A dificuldade para a filha é justamente se separar da mãe, de tantas formas semelhante a ela. O encantamento inicial da menina pela semelhança que a une à sua mãe revela sua face temerária: a de um sentimento de aprisionamento na relação com a mãe [...] (ZALCBERG, 2003, p. 193).

Visto isto, foi possível traçar o caminho do desenvolvimento da menina em direção à condição de mulher e suas vicissitudes. A relação com a mãe é indispensável para esse trajeto, assim como os sentimentos de ódio decorrentes disso. Esses sentimentos estão presentes durante todo o processo, e as condições que levam ao prolongamento dessa

hostilidade e as suas consequências são relevantes para que se compreenda muitos aspectos da clínica. Importante também é a prova de que a separação é condição fundamental para o seguimento dos processos de sexuação femininos. Para a filha, a relação com a mãe representa ponto crucial de seu desenvolvimento sexual como mulher e, conseqüentemente, de sua vida. A mãe representa o modelo de identificação feminina, o sexo feminino que parece nunca ser descoberto pela filha e que encontra, na figura materna, as possíveis respostas para suas questões de identificação, a questão de o porquê foi colocada no mundo “tão pouco aparelhada” (ZALCBERG, 2003).

CAPÍTULO 3

3. O ROMANCE FAMILIAR: UM OLHAR ATRAVÉS DA LITERATURA DE ELENA FERRANTE

“Gostei muito de Freud, que li bastante: acho que ele sabia mais do que seus seguidores que a psicanálise é o léxico do precipício.”

Elena Ferrante, 2013 – *Frantumaglia*

O romance escolhido para este capítulo pode ser dissecado de várias formas para servir aos propósitos do presente estudo. Nota-se um forte caráter psicanalítico em suas páginas, como a própria autora confirma (FERRANTE, 2013). O título “Um amor incômodo”, inclusive, deriva do texto “Sobre a sexualidade feminina” (FREUD, 1931/2016). No ensaio, Freud caracteriza o pai como um rival incômodo, o que inspirou a autora a nomear a obra, trocando a palavra “rival” por “amor”, para que não parecesse que se tratava de uma narrativa focada na figura paterna:

Pareceu-me coerente com a história que o amor fosse incômodo, o amor que torna o pai rival da filha, o amor exclusivo pela mãe, o único grande e tremendo amor original, a matriz inextinguível de todos os amores (FERRANTE, 2013, p. 130)

No exposto a seguir, utiliza-se este romance de Elena Ferrante, para ilustrar e discutir os pontos estudados anteriormente, principalmente no que diz respeito à ambivalência existente entre mãe e filha, que é o tema central do livro. No que tange a relação entre inconsciente e escrita, verifica-se quais contribuições a experiência de juntar um romance de ficção com a psicanálise pôde agregar para o estudo da teoria, e quais as diferenças e similaridades com um estudo de caso clínico.

3.1 O romance familiar no livro de Elena Ferrante

O livro conta a história de Delia, uma mulher italiana de 45 anos que, pouco depois de receber uma ligação misteriosa e pouco compreensível de sua mãe, Amália, descobre que ela se afogou no mar e morreu. Com o retorno de Delia para Nápoles, sua cidade natal, para o enterro de Amália, as lembranças de sua infância violenta retornam rapidamente, apesar de seus esforços para deixar essa parte da vida para trás. Pouco a pouco, histórias de mãe e filha se misturam, revelando que mais que a violência de seu pai, mais que a violência do bairro

onde cresceu, mais que a violência dialetal de sua língua primeira, o que mais aterroriza a protagonista é a violência do amor e do ódio que sentia por sua mãe.

Logo de início, a autora já evidencia ao leitor que a relação existente entre as duas não é a relação idealizada que se espera que exista entre a família, especialmente entre mãe e filha. No funeral de sua mãe, Delia se flagra pensando que finalmente não precisaria mais se preocupar com Amália, agora que ela estava morta. Ao mesmo tempo, demonstra hostilidade a tudo que envolve a presença, a história e a cultura de sua mãe, principalmente à cidade de Nápoles, onde cresceu, e ao dialeto, língua materna que é considerada “vulgar” se comparada ao italiano que Delia passara a usar depois que se mudou de lá. É digno de nota que a aversão à língua dialetal não é mero detalhe na trama, mas uma ilustração fundamental do lugar de vulgaridade e rebaixamento que a filha colocava a mãe, assim como uma lembrança indesejada do que já havia sido seu passado:

Nos sons que eu articulava de forma desconfortável havia o eco das brigas violentas entre Amália e meu pai, entre meu pai e os parentes dela, entre ela e os parentes do meu pai. Impaciente, eu logo voltava ao meu italiano, e ela se acomodava em seu dialeto. Agora que Amália estava morta e eu podia apagá-lo para sempre, junto à memória trazida por ele, senti-lo em meus ouvidos me deixava ansiosa (FERRANTE, 1999/2018, p. 19).

A língua, na obra, tem importância não só no sentido de idioma, dialeto, como “uma chamada à língua das obsessões e das violências da infância” (FERRANTE, 2013, p. 33); mas também mostra a face devoradora do amor e ódio que Delia sentia pela mãe:

Havia histórias demais sobre as diferenças infinitas e minúsculas que a tornavam inatingível, e que, juntas, faziam de Amália um ser desejado no mundo exterior com pelo menos a mesma intensidade com que eu a desejava. Houve um tempo em que imaginei arrancar com uma mordida aquele seu dedo excepcional porque eu não tinha coragem de oferecer o meu próprio à boca da Singer. Tudo dela que não me fora concedido eu queria apagar de seu corpo. Assim nada mais seria perdido ou dispersado longe de mim, porque finalmente tudo já teria sido perdido (FERRANTE, 1999/2018, p. 77).

Esse amor que deseja devorar, incorporar o objeto tem o caráter ambivalente, como já visto. No trecho anterior, esse caráter fica explícito: a intensidade com que a filha ama e deseja a mãe é equivalente à intensidade com que deseja destruí-la, apagá-la. Esse impulso de se apoderar do outro materno é violento ao ponto de aniquilá-lo, facilmente se transformando em ódio (FREUD, 1915/2020). Na relação de Delia com a mãe, o ódio não é o contrário do amor, mas existe *ao mesmo tempo* que o amor. Essa característica pode sugerir, ainda, que a protagonista não se serviu suficientemente dos ganhos simbólicos e libidinais da chamada fase genital de seu desenvolvimento sexual, que permitiria uma estabilização

psíquica organizadora da ambivalência afetiva própria à predominância das relações pré-édipicas e pré-genitais. Podemos interrogar se o par de opostos amor-ódio não se regulou pela existência de um eu capaz de se diferenciar do objeto e não excessivamente confundido com o mesmo (FREUD, 1915/2020), o que só contribui para que este afeto compareça de forma intensificada, apagando o sujeito. Essa suposição pode ser fortalecida em outros trechos do livro, ao observar a relação de Delia com seu corpo e com o sexo, na dificuldade de se ver como mulher e na incapacidade de sentir prazer sexual.

Outras cenas também mostram a ambiguidade desse amor. Após o enterro, a protagonista vai até o apartamento vazio de sua mãe e percebe que ela, sempre representada como antiquada e recatada, estava se encontrando com um homem, Caserta, nome antigo nas histórias de sua infância. Sua “língua longa e vermelha” é aludida diversas vezes em tais histórias. É interessante destacar que, apesar do choque de Delia ao descobrir o possível romance secreto de Amália, por sua mãe ser uma mulher discreta, que “sempre se vestiu com trapos porque era pobre, mas também porque tinha o costume de não se mostrar atraente” (p. 28), ao mesmo tempo a figura materna é muitas vezes descrita como ambígua, mentirosa e vulgar. Podemos considerar que se revela, assim, uma presença de uma forte suspeita sobre a credibilidade da mãe enquanto sujeito na organização da realidade psíquica da filha:

Em casa, vivia submissa e esquivada, escondendo os cabelos, as echarpes coloridas, as roupas. Mas eu suspeitava, exatamente como meu pai, que fora de casa ela ria de outra maneira, respirava de outra maneira, orquestrava os movimentos do corpo para deixar todos com os olhos arregalados (FERRANTE, 1999/2018, p. 102).

A fantasia de que a mãe tinha uma vida secreta, casos extraconjugais, pode ser abordada pelo que Freud diz sobre a tendência infantil “a imaginar situações eróticas, em que a força motriz é o desejo de colocar a mãe, o objeto da mais intensa curiosidade sexual, na situação de secreta infidelidade e secretos casos amorosos” (FREUD, 1909/2021, p. 423). Ao mesmo tempo que vê a mãe como objeto de todos os desejos, elevada, “um ser desejado no mundo exterior” (FERRANTE, 1999/2018, p. 77), ela é também muitas vezes menosprezada, descrita como uma mulher que usava um penteado fora de moda e calcinhas velhas. Talvez esse desprezo seja indício de uma tentativa de separação por parte da filha do ponto de vista psíquico, que utiliza acontecimentos reais, como as saídas e os olhares da mãe, o medo constante de que ela vá embora, sua passividade diante de várias situações, para justificar esse sentimento e diferenciar-se dela (FREUD, 1909/2021).

Delia, durante a narrativa, tenta desesperadamente se separar da mãe: “percebi que estava perdendo minha mãe para sempre e que era exatamente aquilo que eu queria” (p.65).

Paradoxalmente, ao mesmo tempo, em sua jornada, segue de perto os passos da mãe morta, muitas vezes se confundindo com ela:

(...) dei uma olhada na foto três por quatro da minha mãe. Os cabelos barrocammente arquitetados sobre a testa e em volta do rosto tinham sido minuciosamente raspados no papel. O branco que surgiu em volta da cabeça foi transformado com um lápis em um cinza nebuloso. Com o mesmo lápis, alguém havia endurecido ligeiramente os traços do rosto. A mulher da foto não era Amália: era eu (FERRANTE, 1999/2018, p.73).

A angústia da tentativa de desligamento dessa mãe a persegue durante todo o livro, ao mesmo passo em que ela persegue a mãe: “nenhum ser humano jamais se desligaria de mim com a mesma angústia com que me desliguei da minha mãe apenas porque nunca consegui me apegar a ela definitivamente” (FERRANTE, 1999/2018, p. 78). Junto a essa ligação, é possível ver indícios da existência de fantasias e desejos incestuosos nos pensamentos de Delia, o que corrobora a teoria de que, ao se manter ligada à mãe, a menina “jamais se volta realmente para o homem” (FREUD, 1931/2021, p. 373). No único trecho que é apresentada uma cena de relação sexual entre a protagonista e um homem, ela descreve sua total inércia durante o processo, a incapacidade de atingir o orgasmo, como se seu corpo não conseguisse produzir as “respostas adequadas” (FERRANTE, 1999/2018, p. 110). No entanto, sentia prazer e atração pela figura da mãe:

Aquele Caserta, dizia minha mãe em um sussurro, a empurrara para um canto e tentara beijá-la. Eu, ao ouvi-la, via a boca aberta daquele homem, com dentes branquíssimos e uma língua comprida e vermelha. A língua dardejava para fora dos lábios e voltava para dentro com uma velocidade que me hipnotizava. Nos anos da adolescência, eu fechava os olhos de propósito para reproduzir a meu bel-prazer aquela cena na mente e contemplá-la com uma mistura de atração e repulsa. Mas eu o fazia com culpa, como se estivesse fazendo algo proibido. Já sabia então que, naquela imagem da fantasia, havia um segredo que não podia ser revelado, não porque uma parte de mim não soubesse como acessá-lo, mas porque, se eu o fizesse, a outra parte se recusaria a nomeá-lo e me expulsaria (FERRANTE, 1999/2018, p. 38).

Freud diz que a atividade sexual durante a fase fálica “culmina na masturbação do clitóris, durante a qual provavelmente a menina pensa na mãe” (FREUD, 1931/2016, p. 391). O trecho acima consegue ilustrar bem como a imagem da mãe causava sensações de prazer sexual na menina. O que Freud diz que “parece absurdo” (p. 391), torna-se mais palpável quando lido no contexto do romance. Durante toda a leitura, é possível perceber uma ligação muito forte entre as duas, que vem desde a infância. Portanto, uma possibilidade é que haja uma ligação pré-edípica muito intensa, culminando, inevitavelmente, em sentimentos de natureza ambivalente (FREUD, 1933/2016).

Em decorrência de uma ligação tão forte assim, o afastamento da mãe a que a mulher é destinada a passar não ocorreria sem algum traço de ódio (FREUD, 1933/2016). Um ódio que, como é possível ver em todos os capítulos da narrativa, persegue a protagonista por toda a vida, pois o afastamento ocorreu sob o “signo da hostilidade” (FREUD, 1933/2016, p. 275):

Aquilo acontecia depois de eu ter desejado eliminar, durante anos, por ódio, por medo, todas as minhas raízes vindas dela, até as mais profundas: seus gestos, suas entonações, a maneira de pegar um copo ou de beber de uma xícara, o jeito de vestir uma saia como se fosse um vestido, a ordem dos objetos na cozinha, nas gavetas, o modo de lavar as partes íntimas, os gostos alimentares, as repulsas, os entusiasmos, e, enfim, o idioma, a cidade, os ritmos de respiração. Tudo refeito, para que eu pudesse me tornar eu mesma e me desligar dela (FERRANTE, 1999/2018, p. 78).

No fragmento anterior, a própria Delia admite que refez todas as características da sua vida, por medo e por ódio, com a intenção de se separar da mãe. Apesar dos diversos fatores que levam a esse afastamento, como já visto, há um fator específico que leva ao afastamento da menina e da mãe. É a responsabilização da mãe por algo que falta na criança (FREUD, 1933/2016), uma culpa materna que pode ser observada no seguinte recorte:

Talvez eu não tolerar que a parte mais secreta de mim usasse aquela sua solidariedade para validar uma hipótese cultivada igualmente em segredo: a de que minha mãe levava inscrita no corpo uma culpa natural, independentemente da sua vontade e das suas ações, aparecendo prontamente quando necessário, em cada gesto, em cada suspiro (FERRANTE, 1999/2018, p. 54).

Delia, apesar de não saber bem qual é a culpa da mãe, atribui a ela essa culpa intrínseca. Essa responsabilidade adiciona hostilidade a um ódio que a autora não sabe exatamente de onde vem. Apenas após a morte da mãe, Delia resolve olhar detidamente para seu passado, para conseguir entender como a relação das duas se constituiu e em que medida a ambivalência que a acompanhou interferiu na sua história. Quanto mais lembrava, andando a pé pela cidade de Nápoles, onde cresceu, ouvindo o dialeto de sua mãe, revisitando os lugares que por tanto tempo só existiram como fantasmas, mais conseguia arrefecer as mágoas que guardava, identificando sua mãe como parte de si:

Minha mãe, que havia anos existia apenas como uma obrigação incômoda, às vezes como um tormento, estava morta. Porém, enquanto eu esfregava vigorosamente o rosto, especialmente em torno dos olhos, percebi com uma ternura inesperada que, na verdade, Amália estava sob minha pele, como um líquido quente que havia sido injetado sabe-se lá quando. (FERRANTE, 1999/2018, p. 105).

No final do livro, decide encarar a verdade que tentava não lembrar. Finalmente, encontra vestígios da relação de sua mãe com Caserta, no estabelecimento abandonado onde ele morava. Nesse momento, resolve acessar o “segredo que não podia ser revelado”

(FERRANTE, 1999/2018, p. 38). Ao acessá-lo, percebe que sua não separação com sua mãe era muito mais antiga do que se recordava. A fantasia de sua mãe tendo um caso com Caserta, na infância, onde ele usava sua “longa língua vermelha” para beijá-la, era, na verdade, uma fantasia que ela havia usado para encobrir o que realmente acontecera:

Enquanto eu inventava para mim mesma que sua voz, depois daquele verbo, também pronunciara “Amália”, ele passou suavemente um dedo nodoso e sujo de creme na minha perna embaixo do vestidinho que minha mãe havia costurado para mim. Aquele contato me causou prazer. E percebi que aconteciam detalhadamente na minha cabeça as obscenidades que aquele homem murmurava com a voz rouca, tocando-me. Eu as memorizava, e parecia que ele as estava dizendo com uma longa língua vermelha que saía não de sua boca, mas de suas calças. Senti prazer e terror ao mesmo tempo. Tentei conter as duas sensações, mas percebi com raiva que a brincadeira não estava dando certo. Era Amalia quem sentia todo o prazer; para mim, sobrava apenas o terror. Quanto mais coisas aconteciam, mais crescia minha irritação porque eu não conseguia ser “eu” no prazer dela, e só tremia (FERRANTE, 1999/2018, p. 163).

Delia acreditava que Amália tinha um caso extraconjugal com o vizinho, Caserta. Como era isso que, em sua fantasia, localizava o desejo da mãe, ela procura se identificar com esse desejo. Tenta imitar os passos e atos que imagina que sua mãe performava com o homem e acaba se envolvendo em uma situação que não lhe deu o prazer que esperava sentir, ao contrário, lhe deu apenas terror. O prazer ficou todo para a mãe. Essa cena pode ser compreendida pelo fato de a filha tentar *ser* o que a mãe era, o que a mãe queria, mesmo sem saber exatamente o que é este “algo”. Com isso, ela poderia finalmente ser o objeto que preenche a falta da mãe, afinal, se ela não for o objeto de desejo de sua mãe, quem mais ela seria? (ZALCBERG, 2003). Em um misto de tentativa de preenchimento da falta e disputa com a mãe, com quem rivaliza por ser ela quem desperta a atenção dos homens, Delia supõe que Amália é quem teria a resposta para a sua falta constitutiva, pois ela foi quem a colocou no mundo em desvantagem, mesmo possuindo tamanho poder (FREUD, 1933/2016).

Durante o romance, é possível perceber que Delia passa a vida tentando entender o que quer sua mãe, o que ela deseja, quem é ela. Ela transforma Amália em uma criatura dúbia, misteriosa, fálica, quase dotada de superpoderes. O marido não a satisfaz, a filha não a satisfaz, então ela deve encontrar satisfação na rua. É isso que permeia tanto a fantasia de Delia, quanto a fantasia de seu pai. Parte de sua frustração deriva dessa incompreensão geral acerca do desejo da mãe. Para além da demanda de amor que direcionava à mãe com voracidade, a demanda era também de uma resposta sobre o seu ser, sobre quem ela mesma era (ZALCBERG, 2003). Nem sua própria história ela conhecia.

No seu retorno a Nápoles, para o funeral, se vê diante da possibilidade de finalmente estar dentro da vida da mãe, compreendê-la de uma vez por todas e obter as

respostas. Entra em sua casa, veste suas roupas, segue seus últimos passos, tudo como forma de apelar a esse modelo de mulher que serviria como suporte identificatório para tentar dar conta de sua posição sexuada. Por meio das vestimentas da mãe, tenta ascender a um lugar feminino, no entanto, mesmo com todo o aparato, continuar sem solucionar o “enigma da feminilidade”. Nas últimas páginas, depois de seu longo percurso de investigação, aceita que não solucionará o mistério por uma identificação imaginária e consegue, finalmente, se separar da mãe. Não sem antes pegar para si um pouco do que fora a mãe e conseguir se servir por meio de uma identificação simbólica: “olhe-me, sorri para mim mesma. Aquele penteado antiquado, em uso nos anos quarenta mas já raro no final dos anos cinquenta, ficava bem em mim. Amália existira. Eu era Amália” (FERRANTE, 1999/2018, p. 173). Nesse momento, então, ela cria uma identidade para si mesma, pode-se imaginar que ela cria sua própria identidade feminina (ZALCBERG, 2003).

3.2 É possível ler o livro como se lê o caso?

É certo que uma análise, em sua regra fundamental, ocorre por meio da associação livre, regra que o próprio Freud descobriu entre 1892 e 1898. O método se baseia na *fala*, e consiste na expressão de todos os pensamentos que vêm à mente, de forma espontânea e indiscriminada (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982). Então, se a regra fundamental da psicanálise foi elaborada para justamente eliminar a seleção voluntária de pensamentos, qual seria a importância da literatura e, mais especificamente, do romance, para a psicanálise? Um romance é pensado, escrito, reescrito e corrigido. Não é uma associação livre, não nasce espontaneamente. Como poderia ser proveitoso para a clínica, se equiparar a um caso clínico?

Na realidade, uma narrativa não se equipara a um caso clínico (ALBERTI, 1996/2016). Faltam elementos fundamentais da teoria da clínica psicanalítica na ficção escrita, como a fala, a escuta, o manejo da transferência, etc. Em determinado momento, Freud (1908/2021) aproxima a escrita literária da fantasia, do devaneio, do “sonhar acordado”. Além disso, os recursos e os caminhos que os pacientes possuem na clínica, e que conduzem à interpretação, se encontram inacessíveis no texto escrito (FREUD, 1917c/2020). No entanto, dizer que uma narrativa não se equipara a um caso clínico não significa dizer que não há semelhanças a serem resgatadas. Segundo Lacan (1953[1954]/2009), “comentar um texto é como fazer uma análise” (p. 102). Ou seja, é possível interpretar o que o narrador quer dizer, mas deve-se evitar a compreensão exagerada, para além do que está sendo dito, da

mesma forma que ocorre no processo de análise (LACAN, 1953[1954]/2021). Assim, um romance não é a mesma coisa que um caso clínico, mas pode ser lido como um.

Nesse momento, verifica-se o que foi possível extrair da análise literária feita anteriormente, na tentativa, justamente, de ler o texto como se lê o caso clínico. Busca-se evidenciar como a literatura pode ser importante para a psicanálise, da mesma forma que foi para Freud, em cujo texto “Contribuição à pré-história da técnica psicanalítica” (1920/2020) chega a afirmar que a obra literária de um autor muito prezado por ele pode ter tido influência na criação de sua regra fundamental, a associação livre; além de fazer a equiparação da regra ao método de escrita livre utilizado pelo poeta Garth Wilkinson em alguns de seus poemas, sem a finalidade analítica, no entanto.

É digno de nota que não só a psicanálise pode se beneficiar da narrativa, mas o inverso também é verdadeiro. É possível que haja um benefício mútuo nessa comunicação. Em “Uma recordação de infância em poesia e verdade” (1917c/2020), Freud faz uso da obra *Poesia e Verdade*, autobiografia de Goethe, para dar início a uma relevante observação a respeito de uma atitude infantil recorrente, de arremessar e destruir objetos, que foi interpretada como uma consequência do ciúme infantil em decorrência da chegada de um irmão mais novo, em determinada idade. Ao mesmo tempo, no momento em que se deparou com a situação, na clínica, já narrada anteriormente na obra de Goethe, se debruçou novamente sobre a obra, na tentativa de interpretar a atitude peculiar relatada na infância do poeta. Ou seja, houve um movimento simultâneo de investigação e descoberta a respeito da clínica e a respeito da autobiografia. Ainda em outro momento, o autor, a respeito da investigação de um sonho descrito em uma produção literária, afirma:

No entanto, essa desilusão não diminuirá nosso interesse pela forma como os escritores se utilizam do sonho. Se tal investigação não trazer nada de novo sobre a essência dos sonhos, talvez nos proporcione, a partir desse ângulo, algum vislumbre da natureza da produção literária. Os sonhos reais já são vistos como formações desenfreadas e sem regras, e agora temos as recriações livres de tais sonhos! Mas há muito menos liberdade e arbítrio na vida psíquica do que somos inclinados a supor; talvez não haja nenhuma (FREUD, 1907/2021, p. 16).

Lacan (1953/2008), para explicar conceitos como o mito familiar e a importância do “complexo familiar” na história do sujeito, usa a interpretação de dois textos como ferramenta. Do primeiro texto, sobre o Homem dos Ratos, pode-se alegar que se trata de um caso analisado por Freud, com seus marcadores clínicos já assinalados. Mas o segundo, justamente a autobiografia mencionada anteriormente, não se trata de um caso clínico. Na verdade, ele trata “Poesia e Verdade” como “poesia ou ficção literária” (p. 31), alegando que há muitas passagens que são fantasias de Goethe e não aconteceram na realidade. O poeta

apenas preencheu as lacunas com ficções, assim como ocorre nas construções na análise. E, mesmo se tratando de ficção, Lacan interpreta como se fosse um caso clínico:

O bolo de batizado, homenagem tradicional ao pastor, não pode ser outra coisa senão uma fantasia de Goethe, que adquire assim, a nossos olhos, todo o seu valor significativo. Implica a função paterna, mas precisamente na medida em que Goethe se especifica como não sendo o pai, somente aquele que traz algo e tem uma relação apenas exterior com a cerimônia - faz de si o suboficiante, não o herói principal. De modo que toda a cerimônia de sua escapada aparece na verdade não só como um jogo, mas bem mais profundamente como uma precaução, e se insere no registro do que chamei há pouco o desdobramento da função pessoal do sujeito nas manifestações míticas do neurótico (Lacan 1953/2008, p. 37)

A pertinência da análise de textos, para a psicanálise, se torna evidente, tornando possível a extração de consequências interessantes, assim como Lacan fez no trecho mencionado acima. Ainda, junto a isso, à medida em que o escritor nos possibilita prazer e “nos permite desfrutar nossas próprias fantasias sem qualquer recriminação e sem pudor” (FREUD, 1908/2021, p. 338), a literatura se mostra também como fonte importante de “libertação de tensões em nossa psique” (p. 338). A investigação de acontecimentos criados por um autor e descritos em narrativas pode ser uma relevante porta de entrada para o método psicanalítico, despertada, inicialmente, pela curiosidade (FREUD, 1907/2021).

Ao analisar a literatura de Elena Ferrante, é possível perceber que alguns elementos se repetem por toda sua obra: a maternidade, a violência, a cidade de Nápoles e a língua/dialeto. No livro “Frantumaglia” (2013), coletânea de textos não ficcionais e de entrevistas dadas pela autora, Ferrante revela em diversos trechos o que pensa sobre o dialeto de Nápoles: “talvez eu sinta um perigo implícito em todas as falas em dialeto: o estereótipo à espreita da interpretação com cadência napolitana, queixosa, açucarada, tremulante, exagerada, de um sentimentalismo exibido que não transmite sentimentos” (FERRANTE, 2013, p. 37). Assim, pode-se concluir que muito do sentimento que passa em seus romances, a respeito do dialeto, vem de suas próprias percepções reais. A autora diz que, ao terminar de escrever um livro, é como se toda sua intimidade tivesse sido revistada (FERRANTE, 2013). Isso corrobora o que foi dito anteriormente: o autor, no processo de escrita, coloca muito de si em sua obra.

Ela também traz uma importante fala sobre a cidade de Nápoles, que representa não só um cenário, mas também um personagem fundamental em seus livros:

Com Nápoles, de qualquer maneira, as contas nunca estão encerradas, mesmo à distância. Morei por bastante tempo em outros lugares, mas aquela cidade não é um lugar qualquer, é um prolongamento do corpo, uma matriz da percepção, o termo de

comparação de qualquer experiência. Tudo o que foi significativo para mim de forma duradoura tem Nápoles como cenário e seu dialeto como som (FERRANTE, 2013, p. 64).

Na obra apresentada, Delia volta a Nápoles justamente para conseguir ordenar sua história, contá-la em voz alta (FERRANTE, 2013). O segredo que ela não conseguia revelar não estava esquecido ou apagado, mas recalcado. Ela se refere a isso como uma verdade que ela sabia que estava lá, mas que não tinha coragem de acessar (FERRANTE, 1999/2018). Essa é uma boa exemplificação do recalque e do funcionamento inconsciente. Não uma explicação profunda, não um estudo da teoria em si, mas um exemplo que ajuda a ilustrar, a despertar a discussão. A própria autora se diz uma grande leitora de Freud e apreciadora da psicanálise, e que com certeza há influência da teoria psicanalítica em sua obra (FERRANTE, 2013). Ou seja, não só a leitura de seu romance pôde acrescentar algo à psicanálise, mas a psicanálise também pôde acrescentar algo ao seu romance.

É interessante notar que a cena do abuso sexual, o “segredo”, narrada pela protagonista só se deu e só pode ser entendida quando examinada à luz da história de sua infância. Delia só entrou no porão com o pai de Caserta porque tentou se igualar à mãe que, segundo suas fantasias, reproduzia aquela mesma cena com Caserta. A suposta infidelidade da mãe é parte fundamental da história que constitui o romance familiar da protagonista. Essa é a história que ela conta a si mesma na sua infância, e é uma fantasia comumente observada nas crianças, segundo Freud (1909/2021). A psicanálise auxilia, assim, a perceber o valor constitutivo que essa fantasia representa no inconsciente de Delia, e a entender as consequências decorrentes dessa ficção. Inclusive, ela precisou voltar a Nápoles, reescrever toda a sua história, para que pudesse finalmente compreender a verdade sobre suas fantasias. Todo curso da narrativa pode até mesmo ser comparado ao processo de análise, observando pela perspectiva mencionada, quando, como consequência de seu percurso, a narradora toma “conhecimento do que traz oculto em si mesma” (FREUD, 1912a/2020, p. 157).

Ademais, comparando “Um amor incômodo” (1999/2018) com o que a autora conta sobre sua vida pessoal, percebe-se que muitos elementos de sua escrita derivam de sua experiência de vida pessoal. Em sua escrita, no entanto, ela pôde realizar suas fantasias, se afastando da realidade e diminuindo os recalques (FREUD, 1917d/2021). Esse fator pode ser útil na clínica. Uma obra ficcional pode fazer parte da fantasia do sujeito, e a fantasia é fonte de material inconsciente. Até mesmo para fazer uso das palavras do autor, que consegue com mais facilidade falar sem pudor (FREUD, 1908/2021). Debruçar-se sobre a fantasia do

analisando é debruçar-se também sobre a sua história, seus interesses. A fantasia é fonte da neurose, e investigar a fantasia é necessário para investigar a neurose (FREUD, 1917d/2021).

Assim, ler a narrativa como se lê o caso clínico traz diversas contribuições para o estudo da psicanálise e sua prática. Nada impede que o psicanalista pesquise na literatura formas de circunscrever questões que não consegue explicar completamente (ALBERTI, 1996/2016), assim como Freud em “O inquietante” (1919/2020). Elena Ferrante diz que a psicanálise é um “estímulo enorme para quem quer escavar dentro de si mesmo [...] é o mapa para qualquer caça ao tesouro entre as sombras do nosso corpo” (FERRANTE, 2013, p. 131). Na obra lida, a psicanálise realmente operou como um mapa para que o tesouro da narrativa fosse encontrado de forma bem mais intrigante.

CONCLUSÃO

“Se a maternidade é o próprio Sacrifício, o destino de uma filha é a Culpa que jamais poderá ser resgatada.”

Milan Kundera, 1982 – *A insustentável leveza do ser*

Este trabalho teve como objetivo alcançar uma maior apreensão de bases conceituais psicanalíticas e, para isso, usar a literatura como ferramenta, mostrando, ainda, os usos desta na pesquisa em si, além das consequências para a clínica. Não é possível esgotar o assunto e toda a riqueza que o tema pode abordar, quando visto de diferentes ângulos. O que se pôde perceber, em conclusão, foi que a leitura do texto literário é útil tanto para semear a curiosidade e despertar discussões a respeito da psicanálise, quanto para ilustrar a teoria e os exemplos que são trabalhados na obra freudiana, que muitas vezes são de difícil entendimento. Sem dúvida, há ainda muitas outras formas de se servir dessa temática. No exemplo literário explorado, foi possível trabalhar com muito mais clareza as questões da sexualidade feminina e da relação entre mãe e filha ao examinar as fantasias de Elena Ferrante, ilustradas na relação entre Delia e Amália. No entanto, mesmo que não houvesse uma utilidade imediata da pesquisa, ainda assim teríamos o dever de pesquisar (FREUD, 1917a/2021). A literatura é, antes de uma ferramenta de pesquisa utilizável, uma arte; e a arte dá contorno ao mal-estar (FREUD, 1930/2016).

Durante o processo de estudo e escrita, não foram encontrados na obra freudiana materiais que abordassem, como foco principal, a relação do inconsciente, da literatura e da psicanálise, com textos-chave específicos, assim como foi possível encontrar sobre a sexualidade feminina. Desta forma, foi preciso fazer uso de extensa bibliografia para debater o tema de forma satisfatória, fazendo o uso não de um só texto canônico a respeito do tema, mas de diversas contribuições encontradas em todo conjunto da obra, em um trabalho intenso de pesquisa e exploração. Mas talvez a narrativa se trate justamente do processo de junção de experiências, ela não nasce pronta. É preciso construí-la, assim como este processo de escrita. Essa busca tornou a pesquisa ainda mais interessante, dando uma dimensão melhor da riqueza do trabalho de Freud e do alcance amplo e diverso da psicanálise.

Muito sobre a fantasia, o inconsciente, a família e a sexualidade infantil e feminina pôde ser desenvolvido. No romance familiar do neurótico, uma história é construída.

Uma história constituída de fantasias com valor de ficção, mas também com valor de realidade psíquica (FREUD, 1917d/2021). Ao iniciar o processo de afastamento dos pais, a criança elabora uma complexa narrativa para justificar essa separação. Na narrativa, há fatores não sexuais e sexuais. Diversas fantasias são criadas baseadas na demanda de amor, nas tentativas de elevação dos pais, no encontro com a diferença sexual, etc. Durante a escrita desta ficção, quanto mais material a criança consegue alcançar, mais elaborada fica a sua história (FREUD, 1909/2021). Disso podemos depreender que a arte, com foco aqui na literatura, nos contos de fada, como já abordado, é material rico na composição da fantasia da criança (FREUD, 1916a/2021) e, conseqüentemente, no desdobramento da história que conta a si mesma para auxiliar no desprendimento da autoridade dos pais, tarefa necessária para todo seu posterior desenvolvimento (FREUD, 1909/2021).

As fantasias servem “à realização de desejos, à correção da vida” (FREUD, 1909/2021, p. 422), e seu valor não deve ser subestimado. Na fantasia de Delia, por exemplo, sua mãe Amália era a mulher mais bela e desejada de todas, cheia de mistérios e segredos. Ela se serviu disso durante toda a sua vida infantil e adulta, provando que “a superestimação infantil dos pais também é conservada nos sonhos do adulto normal” (FREUD, 1909/2021, p. 424). Estudando os textos freudianos, torna-se mais fácil entender o romance familiar construído pela protagonista e as conseqüências que vieram disso. O seu romance também ajuda na compreensão da letra do texto freudiano pois, a partir da fantasia de Elena Ferrante, colocada em escrita, é possível comprovar esse valor superestimado dos pais, colocados em posição elevada. No caso de Delia, seu pai era um “rival incômodo” que ficava no meio de sua relação com a mãe, na disputa pela exclusividade de seu amor (FERRANTE, 2013), mas a mãe estava sempre em condição de enigma.

Isso exposto, pode-se concluir que a comprovação da existência da relação entre escrita e inconsciente, assim como o uso da literatura por Freud em toda a sua obra, é entendida, aqui, como material de uso tanto teórico quanto prático. Conta com a possibilidade de usar os possíveis resultados para fortalecer a prática clínica a partir da investigação, de maneira análoga ao que Freud fazia nos textos já mencionados, se servindo do “fato de que o escritor nos permite desfrutar nossas próprias fantasias sem qualquer recriminação e sem pudor” (FREUD, 1908/2021, p. 338). Elena Ferrante, ao expor temas tão delicados e ambivalentes, mostra um poder de diminuir as resistências de modo que não é a regra para neuróticos que não são escritores, dando ainda a oportunidade de que seus leitores desfrutem dessa capacidade dela para si mesmos (FREUD, 1908/2021). A própria autora diz que “quando o livro está terminado, é como se tivéssemos sido revistados com intimidade

excessiva” (FERRANTE, 2013, p. 58), mostrando, assim, o quanto de si, o quanto de suas fantasias, coloca em seu romance. Assim, espera-se que essa monografia tenha uso efetivo na tentativa de circunscrever um tema tão rico e relevante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, S. (1996). *Esse sujeito adolescente*. Cidade: Editora, 2016.
- FERRANTE, E. (1999). **Um amor incômodo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- FERRANTE, E. (2011). **A amiga genial**. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2020.
- FERRANTE, E. (2013). **Frantumaglia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- FREUD, S. (1896). Carta 52 (6 de dezembro de 1896). In: FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 1, p. 287-293.
- FREUD, S. (1900). FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 4.
- FREUD, S. (1905). O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen: partes I e II. In: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 6, p. 13-172.
- FREUD, S. (1907). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 8, p. 13-84.
- FREUD, S. (1908). O escritor e a fantasia. In: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 8, p. 325-338.
- FREUD, S. (1909). O romance familiar dos neuróticos. In: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 8, p. 419-424.
- FREUD, S. (1912a). FREUD, S. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise [artigos sobre técnica]. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”], artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 147-162.
- FREUD, S. (1912b). FREUD, S. A dinâmica da transferência [artigos sobre técnica]. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”], artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 133-146.
- FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo: parte II. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 12, p. 25-37.
- FREUD, S. (1915). As pulsões e seus destinos. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 12, p. 51-81.

FREUD, S. (1916a). O simbolismo dos sonhos. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 13, p. 200-229.

FREUD, S. (1916b). O trabalho do sonho. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 13, p. 229-247.

FREUD, S. (1916c). Os atos falhos. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 13, p. 31-109.

FREUD, S. (1917a). Conferência 16: Psicanálise e Psiquiatria In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 13, p. 325-342.

FREUD, S. (1917b). Conferência 21: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 13, p. 424-450.

FREUD, S. (1917c). Uma recordação de infância em *Poesia e Verdade*. In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 14, p. 263-278.

FREUD, S. (1917d). Conferência 23: O O caminho da formação de sintomas. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 13, p. 475-500.

FREUD, S. (1919). O inquietante. In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 14, p. 328-376.

FREUD, S. (1920). Contribuição à pré-história da técnica psicanalítica. In: FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 15, p. 310-314.

FREUD, S. (1923). A organização genital infantil. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 16, p. 168-175.

FREUD, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 16, p. 203-213.

FREUD, S. (1925a). Nota sobre o “Bloco Mágico”. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 16, p. 267-274.

FREUD, S. (1925b). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 16, p. 283-299.

FREUD, S. (1928). Dostoiévski e o parricídio. In: FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 17, p. 337-362.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização: parte II. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 18, p. 26-43.

FREUD, S. (1931). Sobre a sexualidade feminina. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 18, p. 371-398.

FREUD, S. (1933). Nova conferência introdutória 33: a feminilidade. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 18, p. 263-293.

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 19, p. 274-326.

LACAN, J. (1953). O mito individual do neurótico. In: LACAN, J. **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 9-44.

LACAN, J. (1953[1954]). A tópica do imaginário. In: LACAN, J. **O seminário. Livro I. Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 101-121.

LACAN, J. (1955). O seminário sobre "A carta roubada". In: LACAN, J. (1966). **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 13-66.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

OLIVEIRA, F. L. G. **Grupo de estudos de iniciação científica: introdução à clínica psicanalítica**. Ministrado remotamente. Notas de aula. Rio de Janeiro: UFRJ, set./out. 2020. Não publicado.

QUEIROZ DE PAULA, F.O. Sexualidade feminina e feminilidade: mais além do Édipo. **Revista aSEPHallus**, Rio de Janeiro, vol. IX, n. 16, mai./ out. 2013. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v8n16p113-133.

ZALCBERG, M. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.